

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CAIO SGARBI ANTUNES

**A UNICAMP NA RODA:
UMA BREVE ANÁLISE DA
PRODUÇÃO SOBRE CAPOEIRA.**

Campinas

2005

CAIO SGARBI ANTUNES

**A UNICAMP NA RODA:
UMA BREVE ANÁLISE DA
PRODUÇÃO SOBRE CAPOEIRA.**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade de
Educação Física da Universidade Estadual
de Campinas para obtenção do título de
licenciado em Educação Física.

Orientador: Silvio Sánchez Gamboa

Campinas

2005

CAIO SGARBI ANTUNES

**A UNICAMP NA RODA:
UMA BREVE ANÁLISE DA
PRODUÇÃO SOBRE CAPOEIRA.**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por nome do autor e aprovado pela comissão julgadora em: 29/11/2005.

Silvio Sánchez Gamboa
Orientador

Lívia Tenório Brasileiro
Banca Examinadora

Campinas

2005

“Los esfuerzos del saber parecen impregnados de utilitarismo; los conceptos científicos, tan acordes, están considerados como simples valores de utensilidad. El hombre de ciencia, de pensamiento tan tenaz y ardiente, de pensamiento tan vivo, está considerado como un hombre abstracto”.

Gaston Bachelard

Agradecimentos.

Agradecimentos, agradecimentos... por onde começo?

Começo, então, pelo impessoal.

Agradeço aos professores desta instituição, que em mim despertaram a angústia e inquietação que materializaram, dentre outras coisas, este trabalho.

A parte boa, agora.

Nestes meus cinco anos de Unicamp, deparei-me com inúmeras situações e pessoas que possibilitaram o que hoje aqui acontece. Perdões aos que por ventura eu não mencione. A idade já me acomete...

Aos companheiros de discussões, quase sempre ocorridas fora das cercas universitárias, Fábio, Queiroz, Biruta, Gus, Fer, Chioda, um abraço forte.

À Larissa, por sua força, tão grande quanto sua discrição. Pessoa que em meus primeiros anos de curso apontou-me caminhos preciosos. Se professor eu um dia serei, a tenho como meta.

Neste mesmo barco está Marcinha, querida, comigo em tempos tempestuosos.

Marcelinho, Cleber e Escova, irmãos, que assim o sabem. Nunca faltaram, duvido que um dia faltem. E à já nascida (assim espero) Luiza, beijos presentes.

Aos queridos amigos e amigas de meus primórdios campineiros, que nada tem a ver com a educação física. Lirão, Gui, Marcela e Lu, meus agradecimentos.

Ao Mestre Jogo de Dentro, que, pelas mãos capoeira angola, lê o mundo que muitos de nós não entendemos ao estudar.

Para Carol faltam-me palavras... muito almejo contigo trabalhar novamente, em qualquer que seja o espaço, para que materializemos a práxis, um dia...

Às Donas Teresas, que criaram o espaço, cada uma à sua maneira, para que o “parto” acontecesse.

À minha irmã Ana, corretora minuciosa.

Ao meu pai, a quem devo minha aproximação “genética” ao materialismo histórico dialético.

À Denise, que nem se sabe presente neste trabalho, embora nele estejam suas precisas contra-argumentações.

Silvio e Márcia, muito importantes bem antes das orientações. Obrigado por entender meus limites. A sutileza de vocês, aliada à contundência, muito me inspira.

Karina, não tens idéia da magnitude de teu auxílio na mais *jonda* tarde por que passei.

Por fim, pessoas com as quais muito dividi nestes breves e intensos anos, da academia ao amor.

Ana de Pellegrin, tu és uma de minhas grandes inspirações materialistas. Porto Alegre não é longe o suficiente.

Eduardo Pereira Batista, meu irmão, “na ciência ou na arte”, como diria Cartola, espero ter-te próximo sempre.

Muito os admiro e adoro.

Abraços longos e apertados.

ANTUNES, Caio Sgarbi. **A Unicamp na roda**: uma breve análise da produção sobre capoeira. 2005. 75f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

Resumo.

Este trabalho tem por objetivo uma análise da produção teórica sobre capoeira realizada na Unicamp.

Em tal produção, além de algumas reflexões sobre a escola de capoeira das quais se aproximam os autores e autoras, discutimos a forma como concebem, em seus trabalhos, a relação entre senso comum e conhecimento científico.

ANTUNES, Caio Sgarbi. **A Unicamp na roda**: uma breve análise da produção sobre capoeira. 2005. 75f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

Abstract.

This work has for objective an analysis of the theoretical production on capoeira accomplished at Unicamp.

In this production, besides some reflections on the capoeira school to which the authors approach, we discussed how the relation between common sense and scientific knowledge takes place.

Lista de tabelas e gráficos.

Tabela I	2
Tabela II	21
Tabela III	26
Gráfico I	75

Lista de siglas.

FE	Faculdade de Educação.
FEF	Faculdade de Educação Física.
IA	Instituto de Artes.
IFCH	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas.

Sumário.

Introdução	1
Capítulo I	4
Capítulo II	17
Capítulo III	30
Referências	33
Anexos I	36
Anexos II	37
Anexos III	73
Anexos IV	75

Resumo.

Este trabalho tem por objetivo uma análise da produção teórica sobre capoeira realizada na Unicamp.

Em tal produção, além de algumas reflexões sobre a escola de capoeira das quais se aproximam os autores e autoras, discutimos a forma como estes concebem, em seus trabalhos, a relação entre senso comum e conhecimento científico.

Abstract.

This work has for objective an analysis of the theoretical production on capoeira accomplished at Unicamp.

In this production, besides some reflections on the capoeira school to which the authors approach, we discussed how the relation between common sense and scientific knowledge takes place.

Introdução.

Sou capoeira... com ela tive atritos, conflitos, aproximações.

Durante minha graduação, sobre ela não me debrucei diretamente, não a estudei disciplinadamente, porém dela não consegui me afastar...

Neste trabalho de conclusão de curso de licenciatura em educação física, a capoeira se junta a outra grande inquietação: compreender os fundamentos filosóficos, epistemológicos que norteiam a produção teórica, no seu sentido mais amplo.

Ao longo de minha graduação, despertou minha atenção e minha reflexão, minha angústia, até, a diversidade de formas de pensar, abordar, conceber, materializar a educação física, principalmente por tal posicionamento não se dar, na grande maioria dos casos, de forma filosoficamente explicitada.

A porta de entrada para que pudéssemos, eu e meu orientador, relacionar estes dois temas foi uma análise da produção acadêmica, realizada na Unicamp, sobre capoeira.

Nesta análise, buscamos discutir, à luz da filosofia (ainda que de forma incipiente, pois dela, o curso de educação física é deveras distante), alguns pontos que julgamos... possíveis, tais como a forma como os autores e autoras concebem a relação entre senso comum e conhecimento científico, bem como a escola de capoeira das quais se aproximam.

Restringimo-nos à Unicamp por ser a produção sobre capoeira, não só no Brasil, vasta demais.

Chegamos aos trabalhos que serão analisados por meio de busca no Sistema de Bibliotecas da Unicamp (SBU), pela palavra-chave *CAPOEIRA*, “somada” às palavras *TCC*, *DISSERTAÇÃO* e *TESE*. Foram encontrados dezesseis trabalhos acadêmico-científicos, sendo três monografias de conclusão de curso de graduação e três de especialização, sete dissertações de mestrado e três teses de doutorado.

Dentre os trabalhos supracitados, seis foram produzidos na Faculdade de Educação Física (FEF), sendo dois trabalhos de conclusão de cursos de licenciatura, três de cursos de especialização e uma dissertação de mestrado. Foram produzidas, no Instituto de Artes (IA), três dissertações de mestrado. No Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), seis trabalhos, um para a conclusão do curso de bacharelado em antropologia, três

dissertações de mestrado e duas teses de doutorado. Apenas uma tese de doutorado foi produzida na Faculdade de Educação (FE). Repito, analisamos, no presente trabalho, somente a produção acadêmico-científica realizada na Unicamp.

Os trabalhos estão numerados de 1 a 16 e divididos em grupos de acordo com o nível (*TCC*, *DISSERTAÇÃO* e *TESE*) e foram produzidos entre os anos de 1990 e 2004 (sobre o nível dos trabalhos analisados, um pequeno gráfico encontra-se no ANEXO IV).

Segue uma tabela para melhor visualização das estatísticas.

Tabela I.
Número, nível, instituto e ano
dos trabalhos analisados.

Número	Nível	Instituto	Ano	Número	Nível	Instituto	Ano
1	TCC	FEF	1990	9	Dissertação	IFCH	1996
2	TCC	FEF	1992	10	Dissertação	IA	1999
3	TCC	FEF	1995	11	Dissertação	IA	2001
4	TCC	FEF	1999	12	Dissertação	FEF	2002
5	TCC	FEF	2001	13	Dissertação	IA	2004
6	TCC	IFCH	2001	14	Tese	IFCH	1998
7	Dissertação	IFCH	1990	15	Tese	IFCH	2001
8	Dissertação	IFCH	1993	16	Tese	FE	2004

A partir da leitura dos trabalhos científicos produzidos na Universidade Estadual de Campinas, e a partir de uma ficha de registro (ANEXO I), chegamos às conclusões que serão aqui apresentadas (a transcrição integral das informações obtidas a partir das fichas de registro, que nortearam a realização deste trabalho, encontra-se no ANEXO II).

Para a exposição das conclusões, seguiremos a mesma seqüência de assuntos abordados da ficha de registro (ANEXO I).

Para melhor compreensão, dividimos o trabalho em três capítulos.

O capítulo I está dividido em duas partes. A primeira parte, com três tópicos, traz primeiramente um breve histórico da capoeira, para que o leitor melhor se situe e compreenda as análises que faremos no decorrer do texto. Em segundo lugar discutimos as categorias *Doxa* e *episteme* e suas origens históricas, no intuito de elucidar os pressupostos de que partimos para as discussões que se seguem. Por fim, tratamos das relações entre *Doxa* e *Episteme*, diferentes formas de concebê-la, bem como alguns pressupostos políticos destas concepções. Na segunda parte do capítulo I levantamos algumas hipóteses acerca do que encontraremos no capítulo II.

O capítulo II, por sua vez, traz os resultados que encontramos nos trabalhos analisados, assim como algumas conclusões preliminares a que pudemos chegar neste curto espaço de tempo.

O capítulo III apresenta algumas breves conclusões, retomadas dos capítulos anteriores.

Por fim, este trabalho é resultado de algumas inquietações e reflexões que esta tão breve graduação nos foi capaz de proporcionar. A todos uma boa leitura.

Capítulo I

A charanga¹.

Como de praxe procedemos para o início de uma roda, separamos os melhores instrumentos de que dispomos, a fim de que estes possam contribuir para o andamento de todo cerimonial, de todo ritual que envolve o espaço onde ocorre a capoeira.

Mas bons instrumentos não bastam, precisam eles ser bem afinados, caso contrário, não cumprirão seu papel, servir de base para que o jogo aconteça.

Feito isso, podemos dar início à vadiação².

1 - A ladainha³. Situando a problemática.

1.1 - A capoeira.

Antes de iniciarmos as discussões que compõem o corpo deste trabalho, se faz importante uma pequena contextualização histórica da capoeira. Tal contextualização tem por objetivo melhor situar o leitor, bem como tentar esclarecer o que pode significar aproximar-se da capoeira angola, capoeira regional (não foram encontrados trabalhos que se aproximassem desta vertente) ou capoeira contemporânea⁴, e as implicações disto para um trabalho acadêmico-científico.

Não nos deteremos nas discussões sobre as origens da capoeira, pois, além de extremamente controverso, tal assunto já foi amplamente discutido, com muita competência, aliás, por inúmeros autores (PIRES, 1996, PIRES, 2001, SOARES 1993, SOARES, 1998, são só alguns exemplos). Fica como sugestão de leitura, para os que possam interessar-se, os trabalhos aqui discutidos, bem como as demais obras citadas.

¹ Nome dado à bateria de instrumentos que compõe uma roda.

² Vadiação era o nome dado pelos antigos mestres ao jogo da capoeira.

³ A ladainha é o canto que abre a roda. Ela aponta os rumos que o jogo deve seguir, cuidados que o capoeira deve ter.

⁴ Neste caso, não é aquela capoeira definida como a tradição inventada entre os anos de 1890 e 1950 (PIRES, 2001). Ver nota 3 do capítulo II. Significa, sim, aquela vertente, desenvolvida mais atualmente, que não se configura nem como capoeira regional, nem como capoeira angola, mas sim como algo que dá conta das duas possibilidades. Ver nota 1 do ANEXO II.

Cabe, sim, dentro das especificidades deste trabalho de conclusão de curso, compreendermos o momento de surgimento da capoeira regional, os possíveis significados disto para a até então existente capoeira (aqui, compreendida em sentido mais amplo), bem como as possíveis condições que propiciaram o surgimento da capoeira contemporânea.

No final da década de 1920, início da década de 1930, na cidade de Salvador, Manoel dos Reis Machado, ou Bimba, como era conhecido, juntamente com alguns de seus alunos (mais precisamente quatro deles, médicos, por sinal) formula os preceitos, movimentos e metodologia de ensino de uma nova forma de luta.

Esta luta recebeu o nome de Luta Regional Baiana, mas ficou conhecida como capoeira regional e foi desenvolvida a partir da capoeira (que até este momento não possuía nenhuma “adjetivação”), aliada a elementos de uma antiga forma de combate corporal, denominada batuque (que Mestre Bimba aprendeu com seu pai, Luiz Cândido Machado), “além dos golpes da luta greco-romana, jiu-jitsu, judô e savata, perfazendo um total de 52 golpes”, como afirmou Mestre Bimba, em entrevista concedida a Waldeloir Rego (REGO, 1968, p. 33).

Tivemos, ao longo dos tempos, diversas outras tentativas de criação de novas possibilidades (para não dizer modalidades), não só da capoeira. Só para exemplificarmos, não são tão distantes “outras derivações ou invenções (...) como: (...) capojitsu, aerocapoeira, hidrocapoeira” (FALCÃO, 2005 p.56).

Mas o que fez da “invenção” de Mestre Bimba algo tão importante?

O surgimento da capoeira regional se dá em pleno processo de instauração do que viria a se configurar como o Estado Novo no Brasil.

Oportunismo ou mera coincidência (para os que nela acreditam), o fato é que tal “invenção” propunha o ensino da capoeira dentro de um espaço fechado (fato até então incomum, em contraposição aos tradicionais terreiros e largos) e uma metodologia de ensino pré-estabelecida, possuidora de fortes traços militares, além de “influência científica”. Mestre Bimba também optou por configurar sua capoeira com elementos que a distanciavam da prática que até então podia ser encontrada pelas ruas da capital baiana. A

afastou (também simbolicamente) do candomblé e lançou desafio a lutadores de outras modalidades esportivas (a escolha dos termos “outras modalidades esportivas” não é ao acaso) do Estado da Bahia. Venceu todos os seus opositores, o que lhe rendeu, no mínimo, muita publicidade.

O fato é: o projeto de Mestre Bimba veio ao encontro da já incipiente política de construção da identidade nacional, um projeto, também cultural, de cunho fortemente eugênico.

Todo este processo culminou na abertura da primeira academia de capoeira com licença para funcionar, em 1932, e na descriminalização da capoeira a partir da constituição de 1937 (prática proibida desde o Código Penal de 1890). Ignorar o peso destes fatos, bem como menosprezar suas implicações políticas para a capoeira, que vieram em sentido oposto a mais de dois séculos de perseguições e repressões, seria, no mínimo, um equívoco histórico grandioso.

Mas que conseqüências trouxe todo este processo para a capoeira da época?

Podemos começar a resposta dizendo que a até então capoeira passou a se chamar, a partir daí, capoeira angola, por acreditarem os mestres da época que os escravos que a trouxeram⁵ vinham da região de Angola, África, e para fazer uma distinção clara em relação à capoeira regional.

O momento histórico possibilitou à capoeira de Mestre Bimba um grande espaço, não somente na mídia, mas também junto ao exército, onde chegou a ministrar aulas.

A então capoeira angola enfraqueceu-se e politicamente constituiu-se em oposição a regional. O conflito entre as duas vertentes culminou na polarização da prática.

Surgem, em decorrência de tudo isso, bem como do grande espaço (nacional e internacional) de que gozava a capoeira já na segunda metade do século passado, outras formas (modalidades) de prática da capoeira. Algumas se configuraram como vertentes que

⁵ A discussão sobre a origem brasileira ou africana da capoeira é muito antiga. Historicamente, por razões obviamente políticas, os praticantes da capoeira regional defendiam a tese da origem brasileira, mais especificamente baiana da capoeira, já os “angoleiros” defendiam a origem africana.

ocupavam um “espaço intermediário” entre a capoeira angola e regional (que chegaram a ser denominadas “anglonal”, “regiangola”, dentre outros nomes inusitados). Interessa-nos mais a possibilidade que (pretensamente) dava conta dos dois “estilos” sem se ater a nenhum deles. A esta forma, contemporânea (atual) de capoeira deu-se o nome capoeira contemporânea.

Acreditamos que o grande risco de tal situação está na tentativa de neutralização das diferenças entre as duas formas (regional e angola), no sentido de caracterizá-las puramente por seus movimentos corporais (técnicos), o que pode caminhar no sentido de uma despolitização, uma desvinculação com a história destas duas formas, que só puderam aparecer devido precisamente a estas condições históricas que se busca hoje neutralizar.

Não queremos, com isso, cair em reducionismos românticos, saudosismos, que não compreendem ou concebem o surgimento de novas possibilidades, nem tampouco transformações das manifestações já existentes. Ou ainda que não enxergam no surgimento da capoeira contemporânea uma situação muito próxima ao surgimento da própria capoeira regional. Só devemos atentar que é exatamente o movimento da história (as condições materiais objetivas), que alguns buscam esquecer ou mesmo neutralizar, que tornou possível o surgimento da capoeira, qualquer que seja sua adjetivação.

1.2 -A *doxa* e *episteme*.

O ser humano, em sua relação com a natureza e com outros seres humanos, precisou formular uma série de respostas frente aos desafios impostos pela sobrevivência, desafios estes das mais diversas ordens.

As possibilidades de construção destas respostas variaram ao longo da história da humanidade, sempre de acordo com as condições que cada época proporcionava. De acordo com as possibilidades materiais de cada tempo, as necessidades políticas, bem como as econômicas, tais respostas tendiam para um ou outro modo de formulação.

Num primeiro momento, frente àquilo que não compreendia, a humanidade formula respostas míticas ou religiosas (*mitus*) para os problemas com os quais se depara. Nesta forma, não existem limites para a fantasia nem para a imaginação, o que não significa que não haja, nestas formas míticas de saber, uma lógica, uma racionalidade interna. Estas mitologias ou religiões, que remontam passado longínquo, têm na origem dos seres humanos, da natureza e de uma justificativa natural das coisas, o seu principal objetivo (CORTELLA, 2001).

À medida que estes mitos e/ou religiões não mais atendem às necessidades sociais de uma época, a partir do momento que entram em crise ou conflito com as perguntas⁶ (assim podemos dizer), a humanidade busca outras formas de construção de respostas.

As respostas passam a vir, então, do mundo prático, do mundo da experiência, conhecimentos adquiridos na vida cotidiana, advindos do senso comum. A esta forma de conhecimento, um palpite, uma opinião, deu-se o nome *doxa*.

Mas é com Tales de Mileto que se inaugura uma outra forma de se produzir conhecimento. Uma forma que se diferencia “dos saberes fundados nas tradições e no senso comum (*doxa*) e na razão mítica e nas religiões (*mitus*)” (SÁNCHEZ GAMBOA, 2005 p. 158). A esta forma deu-se o nome *episteme*.

⁶ O termo “pergunta” só faz sentido, aqui, se compreendermos que são as condições históricas de cada época que dão aos seres humanos as possibilidades formularem determinadas perguntas, em detrimento de quaisquer outras. Um exemplo grosseiro: não seria possível ir em outra direção que não a mítica, ou mitológica, para a formulação da uma possível origem para a humanidade nos primórdios da civilização grega.

Na *episteme* todo o conhecimento é fruto de três elementos, o objeto, o sujeito e a relação entre eles.

No que se refere ao objeto, nele estão contidas todas as respostas que sobre ele foram formuladas. “Conhecer a si mesmo é a maior das sabedorias”, disse a Esfinge de Delfos ao filósofo (SÁNCHEZ GAMBOA, 1998).

No que diz respeito ao sujeito, a *episteme* disciplina a imaginação e a fantasia (presentes, de forma deliberada, nas formas *doxa* e, principalmente, *mitus*) e dá primazia ao cuidado e à observação sistemática da realidade que se pretende entender (para transformar, como diria Marx).

Na relação entre sujeito e objeto aparece a preocupação com o método (ausente com a *doxa* e com o *mitus*), que consiste numa permanente interrogação quanto aos princípios, fundamentos, validade e resultados de todo conhecimento produzido. Será o rigor deste método que dará ao conhecimento status de *episteme*.

Mais uma vez, nas palavras de SÁNCHEZ GAMBOA, a “*episteme* levanta dúvidas e questões para suas próprias respostas. O mesmo não acontece com o mito e o senso comum. Estes não pretendem falsear suas respostas, pelo contrário, progridem à medida que ganham adeptos e se transformam em dogmas” (SÁNCHEZ GAMBOA, 1998, p. 11). Ou, nas palavras de Bachelard, “se trata nada menos que de la primacía de la reflexión sobre la percepción” (BACHELARD, 1989, p. 18).

1.3 - Relação *doxa* e *episteme*.

As formas de conhecimento, científico e não científico, podem relacionar-se de variadas formas. Historicamente, o conhecimento científico (*episteme*) não só fez-se auto-suficiente em relação ao conhecimento não científico (*doxa*) como o negligenciou, o menosprezou, o eliminou, até⁷.

O paradigma tradicional de ciência, conhecido por positivismo⁸, estruturou-se a partir da lógica, dos postulados e do estatuto epistemológico das ciências naturais e tem em técnicas quantitativas e métodos analíticos de observação, com a primazia do objeto, numa visão de mundo sincrônica (SÁNCHEZ GAMBOA, 1995) seus critérios de rigor e validade científicos⁹.

Neste paradigma, outras formas de produção de conhecimentos e de transmissão de saberes foram, e ainda são, vorazmente ignoradas, rechaçadas, desqualificadas como não científicas, ou ainda, tidas como ignorantes, residuais, inferiores, locais e/ou improdutivas (SANTOS, 2002).

Todo o conhecimento proveniente do senso comum é tido como insuficiente, como irrelevante, como não digno de curiosidade científica. Eduardo Galeano, em um de seus livros, em um de seus contos, chamado “Os ninguéns”, nos diz algo que pode bem ilustrar o “desdém” a que nos referimos.

Tal postura, política, vai no sentido de não abrir brechas dentro desta lógica científica, brechas estas que podem vir a ser ocupadas, permitindo possíveis críticas, ou até contra propostas.

⁷ Partimos de Boaventura de Sousa Santos quando entendemos que o modelo ocidental capitalista e seu paradigma científico condenam à inexistência formas outras de produção de saberes, onde outras concepções de ser humano, bem como de espaço e tempo se fazem presentes, a fim de se perpetuar como forma única (hegemônica) de verdade no mundo (SANTOS, 2002).

⁸ Existem diversas formas (disciplinadas) de produção de conhecimento, oriundas das mais variadas matrizes filosóficas, a partir das mais diversas concepções de ser humano e de sociedade, é, o positivismo, a hegemônica, a ponto de ser considerado como o paradigma tradicional.

⁹ Muito cara ao positivismo é a noção de neutralidade científica. Onde “conhecer significa quantificar” e “rigor científico afere-se pelo rigor das medições” (SANTOS, 1996, p. 15), a ciência não pode estar a cargo de subjetividades, juízos de valor ou quaisquer outras formas “não quantificáveis”, “não científicas” de trato com a verdade.

“Os ninguéns.

(...) Os ninguéns: filhos de ninguém, donos de nada.

(...) Que não são, embora sejam.

Que não falam idiomas, falam dialetos.

Que não praticam religiões, praticam superstições.

Que não fazem arte, fazem artesanato.

Que não são seres humanos, são recursos humanos.

Que não tem cultura, têm folclore.

Que não têm cara, têm braços.

Que não têm nome, têm número.

Que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais da imprensa local.

Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata” (GALEANO, 2002, p. 71).

Vale a ressalva de que esta lógica científica, em sua busca por hegemonia (conseguida a fórceps, aliás), isolou-se como a forma única de saber o mundo, e criou um abismo que separa o conhecimento da população, justificativa última deste conhecimento.

Existe uma outra corrente que tenta romper com a hierarquia, dando peso ao conhecimento advindo do senso comum, a *doxa*. O faz assemelhando-o ao conhecimento científico, como se entre estas formas não houvesse diferença alguma.

Rubem Alves afirma que ciência e senso comum em nada diferem, são ambos “expressões da mesma necessidade básica, a necessidade de compreender o mundo, a fim de viver melhor e sobreviver” (ALVES, 1996, p. 18), e ainda que a ciência, além de “desenvolvimento progressivo do senso comum”, é “uma hipertrofia de capacidades que todos tem” (Idem, p. 10).

Tal visão busca uma valorização do senso comum, quase em detrimento do conhecimento científico, uma tentativa de equilíbrio na escala hierárquica, sem, contudo se

dirigir à raiz do que, ao nosso ver, dá ao positivismo sua força, sua hegemonia. O que simplesmente maquia a superficialidade desta concepção e a travesti de “ruptura com a lógica dominante”.

Acreditamos que esta inversão, mais que um romantismo, uma inocência, caracteriza-se ou por não compreender que existem outras formas de conceber a relação entre as diferentes formas de saber (mais um equívoco histórico), ou, o que é pior, por negligenciá-las em sua retórica, o que absolutamente não a afasta do já mencionado paradigma tradicional.

Uma outra concepção possível é a análise feita por Boaventura de Sousa Santos, denominada de “sociologia das ausências e sociologia das emergências”, em que este propõe que, para dar conta de superar a hegemonia da racionalidade ocidental de ciência e dar espaço para que outras formas de saber o mundo possam entrar na disputa política, é preciso repensar as dicotomias¹⁰ fora da relação de poder presente dentro delas, isto é, pensar “o Sul como se não houvesse Norte, pensar a mulher como se não houvesse o homem, pensar o escravo como se não houvesse o senhor” (SANTOS, 2002, p. 246).

Mesmo sendo a proposta de Santos muito bem argumentada, não ficou claro como é que poderá se dar esta disputa política, se os fatores políticos que dão força à racionalidade científica ocidental não se abalaram [ou, mas palavras do autor, “as exceções parciais, o romantismo e o marxismo, não foram nem suficientemente fortes nem suficientemente diferentes para poderem ser alternativas” (Idem, p. 240)]. O que queremos dizer é que a disputa, de certa forma, já ocorre, porém a brutal desigualdade de forças políticas determina o resultado.

Não se faz concreta uma superação desta racionalidade sem a crítica do modelo de organização social que cria espaço e hegemonia para o paradigma tradicional. Pensar o “Sul como se não houvesse o Norte” não elimina o Norte, nem tampouco a política internacional que dele deriva.

¹⁰ São as dicotomias a principal forma pela qual a racionalidade ocidental (assim denominada pelo autor) exerce seu poder (SANTOS, 2002).

Esta relação pode ainda ser concebida dentro de uma unidade, a unidade do conhecimento. *Doxa e episteme* formam, assim, os pólos, opostos, mas indivisíveis desta unidade. É da articulação entre estes pólos opostos, da sempre tensa relação entre eles que o conhecimento se supera. Não ocorre uma hierarquização, uma subordinação, há a percepção das distintas naturezas de cada uma das formas, suas especificidades, seus limites, para assim compreender como dialeticamente se articulam, dentro do que mais à frente chamaremos de lógica espiralada.

2 – Iê, vamos nos embora¹¹. Levantando as hipóteses.

2.1 – Três formas de relacionar-se.

Uma vez abordadas as aproximações e afastamentos entre a *doxa* e a *episteme*, podemos trazer estas referências para a compreensão das formas pelas quais a produção científica da Unicamp tratou estes níveis de conhecimento ao olhar para o objeto de estudo capoeira.

Algumas hipóteses foram levantadas. A respeito do trato com saberes de diferentes ordens, as abordagens dividem-se em três grandes grupos.

O primeiro (e maior deles) é aquele que se caracteriza pelo que podemos chamar de corte epistemológico, ou seja, uma ruptura entre senso comum e ciência, entre prática e teoria¹². Para denominar tal abordagem utilizaremos o termo clássico: Positivismo.

Um segundo grupo se caracteriza por uma certa continuidade entre *doxa* e *episteme*, em que estes, além de não hierarquizados, não possuem grandes diferenças entre si, só o fato de tanto um como o outro serem nada além de hipertrofias, especializados na prática ou na teoria. São as chamadas abordagens culturalistas¹³. O já citado Rubem Alves pode ser considerado uma expressão desta concepção.

Por fim, apresentamos a abordagem que concebe a relação entre o senso comum e a ciência de forma espiralada. Explico. A partir da *doxa* constrói-se uma *episteme* que, no movimento da história, transformar-se-á em *doxa*, que demandará a construção de uma nova *episteme*, que transformar-se-á em *doxa*, e assim sucessivamente. A essa abordagem, podemos chamar, com os devidos cuidados, dialética¹⁴.

¹¹ Parte de uma chula, um tipo de canto que, após a ladainha, antecede o jogo.

¹² A dicotomia é um importante eixo desta concepção, como, aliás, mencionamos anteriormente.

¹³ Neste caso, as dicotomias, tão caras ao positivismo, não são contestadas, o que dizer da superação...

¹⁴ Sabemos as controvérsias ao redor deste termo. Também sabemos que muitos dos que aqui podem ser “encaixados”, em nada se aproximam da dialética marxista, mas ainda assim, optamos pelo termo.

2.2 – Capoeira e ciência.

De acordo com Silva, é de 1907 a primeira tentativa de sistematização dos golpes da capoeira, assinada com as iniciais O.D.C., o *Guia do Capoeira ou Gimnastica brasileira* de autoria “atribuída ao próprio Coelho Neto – essa hipótese não é comprovada e foi cogitada por Antônio Liberac C. S. Pires” (PIRES, 2001 p. 95, apud SILVA, 2002 p. 72). Ainda em Silva, data de 1928, outro trabalho, intitulado *Gimnastica Nacional (capoeiragem) – Methodisada e Regrada*, de autoria de Annibal Burlamaqui (idem, p. 77), para não mencionar o célebre “Capoeira sem mestre” de Lamartine Pereira da Costa, de 1962.

A capoeira ganha, então, o interesse do campo da pesquisa científica. Interesse que muito cresceu e se aprofundou, neste quase século que nos separa de O.D.C.

Entendemos que a manifestação da cultura corporal, a prática social capoeira, possui uma conotação de conhecimento popular, próximo ou distante (como iremos ver) do conhecimento científico, e que tal proximidade ou distância dependem, invariavelmente, da maneira como a academia aborda as relações entre os já clássicos termos *doxa*, conhecimento comum, prático e *episteme*, conhecimento sistematizado, científico.

Aqui que se insere a Unicamp, centro de excelência de pesquisa, quando volta seus olhares para o objeto de estudo capoeira, por meio de seus vários níveis de trabalho científico¹⁵, e é a partir desta realidade que formulamos as perguntas que deram origem ao trabalho que é agora apresentado.

Como os estudos científicos desenvolvidos num centro como a Unicamp tratam o fenômeno capoeira?

Como se relacionam, nestes trabalhos acadêmico-científicos, saberes oriundos de distintas formas de produção de conhecimento?

A fim de responder a estas questões, propusemos um levantamento e análise de toda a produção da Unicamp sobre capoeira, em graduação e pós-graduação. Desta produção, seguindo a ficha de registros (ANEXO I), extraímos as informações que serão discutidas no próximo capítulo.

¹⁵ São eles trabalhos de conclusão de curso de graduação e de especialização, dissertações e teses.

As formas como os trabalhos analisados relacionar-se-ão com as hipóteses levantadas é assunto para o capítulo II.

Capítulo II

Cantos corridos¹.

2 - Vem jogar mais eu². Alguns resultados.

Postas, no capítulo anterior, as categorias que nos serviram de base, apresentamos neste segundo capítulo alguns resultados encontrados no levantamento da produção acadêmico-científica da Unicamp.

Para uma melhor organização, agrupamos os resultados em cinco itens que, grosso modo, seguem a ordem de assuntos da ficha de registros (ANEXO I).

O primeiro item trata das problemáticas e objetivos abordados nos trabalhos analisados, e nos possibilitou identificar linhas de pensamento presentes nas unidades onde os trabalhos foram desenvolvidos.

O segundo item, bem como o terceiro (fontes e técnicas e autores citados, respectivamente), evidencia o “como” dos trabalhos, isto é, de que forma, que ferramentas utilizaram os autores e autoras para construir seus trabalhos.

O quarto item aborda as questões referentes a capoeira, tais como escola (vertente) a que se filiam os autores ou autoras, a visão que estes têm da capoeira e de que forma esta se faz presente nos trabalhos.

O quinto e último item trata das questões referentes às categorias *doxa* e *episteme* e as formas como se relacionam nos trabalhos.

Uma vez retomados estes pontos podemos passar para os resultados propriamente ditos.

¹ Os cantos corridos também imprimem rumos à roda, pois determinam o tipo de jogo que deve ocorrer (papel também dos toques de berimbau).

² Canto corrido. Desnecessários são os comentários sobre seus significados.

2.1 – Problemáticas e objetivos.

Dos cinco *TCC*'s realizados na FEF, tanto dos cursos de licenciatura quanto dos cursos de especialização, dois têm por problemática a capoeira como proposta de conteúdo para as aulas de educação física escolar (trabalhos 1 e 3). Outro analisa a esportivização da capoeira (trabalho 2), um outro, a capoeira como componente de um projeto destinado a atender crianças da periferia de Campinas (trabalho 4) e um discute os benefícios da capoeira para crianças com deficiência auditiva e surdez (trabalho 5).

Com exceção do trabalho 2 (que se caracteriza como histórico) todos os outros apresentaram em seus objetivos “preocupações pedagógicas”, isto é, como fazer a capoeira condizente com o espaço educacional (os trabalhos 1 e 3 apontam para a escola e os trabalhos 4 e 5 apontam para a educação não-formal). Pudemos apreender desta constatação a grande preocupação da Faculdade de Educação Física da Unicamp para com as questões referentes ao ensino. Tal preocupação é a grande “marca” da instituição, algo, aliás, constantemente endossado pelo próprio corpo docente da casa.

O trabalho 2 não se afasta muito dos outros, por apresentar a preocupação de munir o capoeirista de visão histórica, o que, dentro de uma faculdade de educação física, tem o objetivo de dar subsídios teóricos para uma maior compreensão da capoeira também dentro do processo educativo.

O sexto e último *TCC*, realizado no IFCH (trabalho 6) também aborda a problemática da capoeira dentro de um projeto destinado a atender crianças da periferia de Campinas e aponta para discussões referentes a preocupações didático-metodológicas. Embora o faça de outro ponto (a antropologia), não se distancia dos acima discutidos, uma vez que visa constatar se a capoeira, no referido projeto, atinge aquilo a que se propõe.

No que se refere às dissertações de mestrado, as três produzidas no IFCH são históricas (realizadas no departamento de história), uma delas (trabalho 7), aborda a questão da malandragem e da capoeira como formas de resistência, como uma tentativa de “viver sobre si”³ e objetiva “(...)mostrar que o malandro, e o capoeira que o antecedeu, não são vadios. Eles representam um esforço pela afirmação da personalidade e por uma

³ Embora a autora não faça referência, o termo (entre aspas na dissertação) parece ter sido cunhado por Sidney Chalhoub.

experiência de vida onde a submissão esteja ausente” (p.16-17). As duas outras dissertações traçam panoramas históricos, uma aborda as relações dos capoeiras com a corte imperial na segunda metade do século XIX no Rio de Janeiro (trabalho 8) e outra a prática da capoeira na cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX (trabalho 9).

Outras três dissertações foram produzidas na IA e estudaram a problemática do processo de criação para o ator a partir da capoeira. Uma delas (trabalho 10) o faz a partir da questão da capoeira como espaço de criação, a roda como um “ritual” no qual o ator pode expressar sua “performance” (p. 12) artística. Outra delas (trabalho 11), a partir da trajetória de um grupo composto por “adolescentes desprotegidos socialmente” (p. 5) e a capoeira no processo de ajustamento social destes jovens (este grupo elabora coreografias de dança e teatro). Por fim a última das dissertações trata da construção do corpo cênico a partir do universo simbólico do hip hop e do treinamento corporal possibilitado pela capoeira (trabalho 13).

Não podemos deixar de salientar o elevado grau de utilitarismo presente nos trabalhos desenvolvidos no Instituto de Artes da Unicamp, que tem na prática da capoeira um espaço onde o ator pode alimentar-se simbolicamente ou, o que é mais grave, um treinamento corporal, o que destitui a capoeira de sua especificidade, de seus significados históricos, e a reduz a simples razão espiritual ou malhação artística. Dois destes três trabalhos (10 e 13) foram orientados por um mesmo professor, estudioso de danças brasileiras (nomes dos autores e seus respectivos orientadores encontram-se no ANEXO III).

A sétima dissertação de mestrado é a produzida na FEF (trabalho 12), e problematiza as formas como capoeira e educação física historicamente se relacionaram. Discute os processos pelos quais a educação física se apropriou (ou pelo menos tentou) da prática social capoeira, os discursos e perseguições, políticas ou policiais, bem como as produções teóricas sobre capoeira ao longo, principalmente, do século XX.

Não deixou de nos surpreender (no mínimo) a pouca produção sobre capoeira na pós-graduação da FEF, o que talvez derive do fato de não haver, na casa, nenhum estudioso do tema, o que reduz a incidência, ou até dificulta a existência de discussão a este respeito na faculdade.

Caminhando agora para as teses de doutorado, duas foram produzidas no IFCH. Uma delas (trabalho 14) traça um panorama histórico da capoeira na primeira metade do século XIX, as relações dos negros com a cidade do Rio de Janeiro (é o mesmo tema, mesmo objetivo, mesmo autor do trabalho 8, só que recua no tempo), e a outra (trabalho 15) trata da formação histórica da capoeira contemporânea⁴ e objetiva “demonstrar que a capoeira contemporânea (angola e regional) é uma tradição inventada nas primeiras décadas do século passado em contexto específico de construção de identidade nacional” (p. 4).

Não foi detectado, em nossa busca, nenhum outro trabalho de pós-graduação⁵ realizado no IFCH, o que nos indica que somente o departamento de história deitou olhares sobre a problemática específica da capoeira, mais ainda, duas das três dissertações (trabalhos 8 e 9) e as duas das três teses (trabalhos 14 e 15) foram orientadas por um mesmo professor, um estudioso da escravidão.

A terceira e última tese de doutorado (trabalho 16) foi produzida na FE e trata especificamente da relação entre conhecimento científico e cultura popular, os limites do pensamento cartesiano e do academicismo dele decorrente no trato com as formas de saber popular. Tem por objetivo conceber um referencial teórico que seja capaz de articular estas duas formas distintas de saber-se no mundo sem a tradicional hierarquização positivista.

⁴ Capoeira contemporânea, aqui, significa aquela que se construiu na primeira metade do século XX, a partir da cidade de Salvador, e se dividiu em dois estilos, que se convencionou chamar de capoeira angola e capoeira regional (PIRES, 2001).

⁵ Utilizo o termo pós-graduação pois um dos trabalhos analisados (trabalho 6) é de conclusão do curso de bacharelado em Antropologia, pelo curso de Ciências Sociais.

2.2 – Fontes e técnicas.

Vamos mencionar, neste tópico, as outras fontes utilizadas pelos autores e autoras além da boa e velha consulta bibliográfica, por julgarmos que tal informação é, no mínimo, óbvia.

Para melhor ilustrar os dados sobre as fontes e técnicas, segue a tabela.

Tabela II
Fontes e técnicas de pesquisa.

	Entrevistas	Questionários	Visitas	Depoimentos	Música
Trabalhos	4; 6; 11; 12	5	1	2; 7; 9; 15; 16	7; 16
	Fichas crime	Crônicas policiais	Reportagens	Literatura	Pintura
Trabalhos	7; 8; 9; 14; 15	8; 9	8; 9; 14	7; 9; 14; 15; 16	14

No caso dos *TCC's*, alguns dos autores e autoras utilizaram-se de artifícios como visitas a academias de capoeira (trabalho 1) a fim de compreender como sua prática de fato ocorre fora do espaço escolar. Também os depoimentos (trabalho 2) e os registros sonoros (trabalho 3) foram utilizados, como outra forma de compreensão da capoeira a partir de pessoas com ela diretamente envolvidas. As entrevistas (trabalhos 4 e 6, neste último aliada à observação participante) também se fizeram presentes. Um dos trabalhos (trabalho 5) fez uso de questionários, respondidos por familiares dos envolvidos na pesquisa, uma vez que pretendia comprovar (também) alterações comportamentais.

Os cinco trabalhos de pós-graduação desenvolvidos no IFCH (novamente, no departamento de história, quatro deles sob a orientação do mesmo docente), três dissertações de mestrado (trabalhos 7, 8 e 9) e duas teses de doutorado (trabalhos 14 e 15), utilizaram-se de documentos policiais, queixas crime ou fichas criminais (somente o

trabalho 7 não teve em documentos desta natureza seu principal tipo de fonte). Estes trabalhos fazem ainda uso de crônicas policias e reportagens (trabalhos 8, 9 e 14), literatura (trabalhos 7, 9, 14 e 15), depoimentos (trabalhos 7 e 15) e pintura (trabalho 14), a fim de buscar compreender como eram vistos, nas épocas estudadas em cada um dos trabalhos, tanto os capoeiras como os malandros.

Dos três trabalhos desenvolvidos no IA, somente um utiliza entrevistas (trabalho 11), os outros dois se atêm a consultas bibliográficas.

O trabalho 12, realizado na FEF, embora tenha sua força na discussão bibliográfica também faz uso de entrevistas, em busca de informações que não puderam ser encontradas em documentos de nenhuma ordem.

O trabalho desenvolvido na FE tem seu foco em fontes como poesia, música, literatura, história oral e depoimentos. É claro que o autor faz cruzamentos com a produção científica (muito bem, por sinal), mas o esforço do citado trabalho é justamente apontar para a relevância da cultura popular no processo de educação do ser humano, desta forma, as fontes privilegiadas foram as de origem “não-acadêmica”.

2.3 – Autores citados.

No que se refere à bibliografia não específica⁶ temos a presença de grandes estudiosos da escravidão, como Sidney Chalhoub (trabalhos 7, 8, 9, 14 e 15), Thomas Holloway (trabalhos 9 e 14). Figuras como Eric Hobsbawm (trabalhos 7, 8, 9, 14 e 15), Eduard Thompson (trabalhos 14 e 15), Marilena Chauí (trabalhos 2 e 16), Renato Ortiz (trabalhos 6, 7 e 16) e Michel Foucault (trabalhos 7, 8 e 16) também apareceram. Clifford Geertz foi citado (trabalhos 6 e 10), Boaventura de Souza Santos e Walter Benjamin (no trabalho 16). As dissertações realizadas no IA utilizaram-se também de referencial próprio, tais como as obras de Rudolf Laban (trabalho 10), Inaicyr Falcão dos Santos (trabalho 11, este também trouxe Paulo Freire) e Luiz Otávio Burnier (trabalho 13, aqui apareceram nomes como Milton Santos, Merleau-Ponty, Roger Callois e Johan Huizinga, este último é citado também no trabalho 5).

Na bibliografia específica da educação física, a presença de Jocimar Daolio em obras também fora da FEF (trabalhos 3, 13 e 16, FEF, IA e IFCH, respectivamente) causou-nos agradável surpresa, uma vez que é um autor de renome da educação física lido por outras áreas. Fizeram-se presentes nas obras desenvolvidas na FEF nomes como o de Walter Bracht (trabalho 2), Carmen Lúcia Soares (trabalho 3), Nelson Carvalho Marcelino (trabalho 5), Lino Castellani Filho (trabalho 11) e o clássico Coletivo de Autores (trabalho 4), bem como Go Tani, João Batista Freire, João Paulo Medina e Vitor Marinho de Oliveira (trabalho 1).

Além de autores já consagrados nos estudos acadêmicos sobre a capoeira, como o são Carlos Eugênio Líbano Soares (citado nos trabalhos 6, 9, 10, 12, 15 e 16), Antônio Liberac Cardoso Simões Pires (trabalhos 10, 12 e 16), Letícia Vidor de Sousa Reis (trabalhos 6, 8, 9, 10 e 16), Luiz Renato Vieira (trabalho 8, 9 e 14), temos também nomes que aparecem em trabalhos mais recentes com José Luiz Ciqueira Falcão (trabalhos 6, 12 e 16), além de Muniz Sodré, Frederico José de Abreu (trabalho 16) e Jair Moura (trabalhos 15 e 16). Ilustres figuras como Aníbal Burlamaqui, e Inezil Penna Marinho só foram citados nos trabalhos 12 e 15.

⁶ Não específica significa que não é diretamente sobre capoeira nem sobre educação física.

Pudemos tomar contato com trabalhos que se dispuseram a uma leitura crítica da produção, acadêmica ou não, sobre capoeira (trabalho 11), assim com trabalhos de notável envergadura que sequer citaram autores que escreveram especificamente sobre o tema (trabalho 14). Mas fato realmente surpreendente foi constatar que os manuscritos de Mestre Pastinha e de Mestre Noronha (aquele, Vicente Ferreira Pastinha, este, Daniel Coutinho) foram citados somente duas vezes cada (trabalhos 10 e 15 e trabalhos 15 e 16, respectivamente), o que pode indicar que os autores e autoras dos outros trabalhos ou desconhecem a existência de obras de tal importância para os estudos da capoeira ou optaram por não as incluir entre a bibliografia privilegiada para a realização de suas pesquisas.

Folcloristas como Edison Carneiro (trabalhos 8 e 12) e Plácido de Abreu (trabalhos 8, 9 e 15), romancistas como Aluísio Azevedo e Lima Barreto (trabalhos 7, 9, 14 e 15) e Jorge Amado (trabalho 15) e mestres de capoeira como Raimundo César Alves Itapoan (trabalhos 2 e 10), Ângelo Decânio (trabalho 15 e 16), Nestor Capoeira (trabalho 11) e Gladson Oliveira Silva (trabalhos 1 e 5) também apareceram.

Dois autores foram citados pela maioria dos autores e autoras, são eles o etnólogo Waldeloir Rego (trabalhos 1, 2, 3, 5, 6, 8, 12, 13 e 16) e o mestre de capoeira Almir (hoje Anande) das Areias (trabalhos 2, 3, 6, 7, 8, 10, 11 e 13). No trabalho de número 7, Almir das Areias foi o único autor de obra específica sobre capoeira consultado.

Sobre Almir das Areias, após elogios a uma concepção dialética da realidade, faz Silva a ressalva de o autor (mestre de capoeira) pautar-se, para algumas de suas análises, talvez por falta de subsídios teóricos, em informações do senso comum, algumas de difícil comprovação histórica, outras, equivocadas (SILVA, 2002 p. 189).

Com esta afirmação pretendemos dizer que todo trabalho, científico ou não, deve ser lido levando-se em consideração quem o escreveu e quais as condições objetivas de que dispunha no momento em que o fez, e não como verdades monolíticas.

2.4 – Sobre capoeira.

Antes de iniciarmos este tópico, cabe uma informação. Somente um dos trabalhos (trabalho 16) explicitamente definiu sua filiação a uma determinada vertente (no caso a capoeira angola). Nos demais, tivemos de partir do conhecimento sobre quem são os autores e autoras, que tipo de trabalho desenvolvem, a que grupos de capoeira pertencem e, conseqüentemente, a que mestre ou mestres estão ligados⁷.

São três os trabalhos em que não foi possível determinar a escola a que pertencem as autoras. No trabalho 7, não foi possível sequer definir se a autora de fato tem contato com a prática da capoeira, uma vez que sua dissertação era sobre a figura do malandro, e se estendeu à do capoeira devido a grande quantidade de material encontrado. Já os outros dois trabalhos (trabalhos 3 e 12) forma redigidos por alunas de um mesmo mestre, porém uma delas apresenta uma visão mais próxima à capoeira contemporânea e outra à capoeira angola.

Nos cinco trabalhos de pós-graduação desenvolvidos no IFCH (trabalhos 7, 8, 9, 14 e 15,) a filiação à escolas de capoeira não teve grande relevância (embora nos trabalhos 8, 9, 14 e 15 saibamos a filiação), por serem trabalhos históricos e (principalmente nos trabalhos 8, 9, 14 e 15) apresentarem grande cuidado metodológico. São os trabalhos 8 e 14 de um mesmo autor e os trabalhos 9 e 15 de outro, suas respectivas dissertações e teses .

Somente um trabalho (além do já mencionado trabalho 16) é próximo a capoeira angola (trabalho 13, realizado no IA), e não foi sem surpresa que notamos tal proximidade, uma vez que o mestre da autora do trabalho em questão apresenta clareza no que se refere a práticas utilitaristas em relação à capoeira, e as desaprova (explicitamente, inclusive).

Todos os demais (trabalhos 1, 2, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 14 e 15) aproximam-se da capoeira contemporânea, o que, como já foi apontado, pode caminhar no sentido da neutralização das diferenças (históricas, inclusive) entre capoeira angola e regional. Compreendemos que tais manifestações sofrem constantes alterações, que não são práticas

⁷ Mapear a filiação destes autores e autoras só foi possível devido ao envolvimento (de mais de doze anos) que tenho com esta prática, o que me permitiu a compreensão de diferenças e aproximações entre as vertentes.

estanques, imutáveis, a-históricas. Porém, ignorar, ou mesmo eliminar estas diferenças, consiste, em nossa compreensão, em um equívoco (histórico, inclusive), que tende a desvincular a prática social capoeira de seu passado, de seus significados históricos, na tentativa de torná-la, também, um “novo e lúdico produto” ao fácil acesso (compra) de todos.

Para melhor visualização das escolas a que se ligam os autores e autoras, segue outra tabela.

Tabela III
Escola de capoeira.

	Angola	Regional	Contemporânea	Indefinido
Trabalhos	13; 16		1; 2; 4; 5; 6; 8; 9; 10; 11; 14; 15	3; 7; 12

A respeito das visões sobre a capoeira (e conseqüentemente como esta se faz presente nos trabalhos analisados), foi grande o número de trabalhos que entendem a capoeira dentro do movimento da história (trabalhos 2, 7, 8, 9, 14 e 15), ou seja, de certa forma sujeita aos confrontos e embates políticos com a sociedade. Tal visão, porém, não foi una em todos os trabalhos. Alguns, sim, conceberam-na dialeticamente (trabalhos 8, 9, 14 e 15), outro (trabalho 2), não demonstrou compreender o papel da contradição neste movimento, e um outro (trabalho 7), embora histórico, beirou a “a-historiicidade”, ao comparar, por exemplo, navalha, símbolo do malandro, e revólver, símbolo do bandido, sem levar em conta o século que os separam.

Pudemos perceber, em alguns casos, um certo tom de romantismo (trabalhos 1 e 7), na qual a capoeira configura-se (em si) como alternativa ao tecnicismo das aulas de educação física (trabalho 1), ou aparece como forma de resistência, pela liberdade ou busca de uma “vida onde a submissão esteja ausente” (trabalho 7, p. 17).

A capoeira como forma de resistência também apareceu (trabalhos 7 e 16). Em um dos trabalhos (o de número 7) essa resistência carrega um certo romantismo, como já foi mencionado. O outro (de número 16), tem na resistência uma forma, como também já mencionamos, de “sociologia das emergências”, pequenas “tentativas” (se é que assim as

podemos chamar, pois nem sempre assim se pretendem) de ocupar fissuras deixadas pela lógica hegemônica, no sentido de uma vida em função de outras relações entre espaço e tempo, por exemplo.

Mas foram visões utilitaristas⁸ da capoeira que predominaram nos trabalhos analisados. Já mencionamos os trabalhos realizados no IA (trabalhos 10, 11 e 13), porém os trabalhos de números 3, 4, 5 (da FEF) e 6 (IFCH) também compartilham desta visão.

Ainda nestes trabalhos, alguns deles, além de utilitaristas, colocaram-se como compensatórios⁹, oferecidos por entidades de caráter (ou nomeadamente) assistencialistas.

⁸ Assim classificadas por enxergarem, os autores e autoras, a capoeira como prática que pode recuperar uma auto-estima perdida, ou ainda salvar das drogas.

⁹ Por compensatórias, entendemos ações como as que visam devolver cidadania, promover ajustamento ou integração social, em suma, compensar tudo aquilo que é obrigação do Estado.

2.5 – Doxa e episteme.

Este foi um ponto de abordagem particularmente delicada no decorrer deste *TCC*. Nem todos os trabalhos tocaram em tal relação. Uns o fizeram de uma forma mais explícita, outros implicitamente.

Pudemos encontrar trabalhos nos quais esta relação não se deu no texto propriamente dito, mas sim no que se refere ao trato com fontes de diferentes ordens, como foi o caso dos trabalhos realizados no IFCH (trabalhos 7, 8, 9, 14 e 15). Nestes trabalhos parece haver uma percepção das naturezas e especificidades (bem como dos limites) de cada tipo de fonte. Tais trabalhos, cada um à sua maneira, partem das tensões entre a (o) capoeira e sua época, e enfocam as contradições presentes em tais relações. Podemos concluir que estes trabalhos apresentaram uma visão dialética da realidade.

O trabalho 12 (realizado na FEF) também parte de uma concepção (assumidamente) dialética, e tem, conseqüentemente, seu foco não na relação de prioridade de uma das formas sobre a outra, mas sim nos desdobramentos provenientes da constante tensão entre estes que são os pólos, opostos, de uma unidade: o conhecimento.

Todos os outros trabalhos têm na dicotomia entre *doxa* e *episteme* o eixo de análise da relação (trabalhos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 10, 11 e 13). Uns apontam para uma importância de o saber popular complementar-se com o conhecimento sistematizado, (trabalhos 1, 2, 4 e 13) a fim de aquele (no caso a capoeira) fazer-se compatível com as especificidades do espaço que se propõe a ocupar. Noutros (trabalhos 3, 6, 10, 11 e 12) a ciência é que vai em direção à capoeira, num esforço de orientar sua prática, validá-la, mensurá-la ou ainda para assegurar/determinar se esta de fato cumpre o papel a que se propõe.

Atenção à parte deve ser dada ao trabalho 16, que estabelece com a *doxa*, com o saber popular, uma relação de prioridade sobre a *episteme*. O autor abordou justamente os limites do pensamento acadêmico positivista no trato com a cultura (popular), numa tentativa de conceber um referencial teórico que seja capaz de dar conta da complexidade, da especificidade de formas como a capoeira e o samba, outras relações de espaço e tempo no processo de educação dos seres humanos. Não deixa de ser uma proposta do que foi

conceituado como de “sociologia das emergências” por Boaventura de Sousa Santos (SANTOS, 2002).

Todos os trabalhos, cada um à sua maneira, estabeleceram com a *doxa* (aqui, capoeira) uma relação dicotômica. Seja no sentido de uma instrumentalização, no qual a teoria (no caso a pedagogia) é que torna a prática apta, adaptada, compatível, seja numa supervalorização do “popular”, com o aval da ciência, ou de uma ciência. De qualquer forma temos a escolha de uma forma em detrimento (ou quase) da outra. Positivismo ou culturalismo que, às vezes, beira um positivismo às avessas¹⁰.

¹⁰ Vimos que as “sociologias das ausências e das emergências” não propõem a superação das dicotomias.

Capítulo III

Adeus, adeus¹.

3 – Berimbau chama². Considerações finais.

Depois de algumas incursões pelos percursos históricos da capoeira, depois de discutirmos o surgimento de formas científicas e não científicas de produção de conhecimento, depois de compreendermos algumas das relações que entre tais formas se pode estabelecer, finalizamos o capítulo I. Nele, percebemos os diversos cortes epistemológicos presentes entre as concepções teóricas que analisamos. Em outras palavras, vimos formas de trato científico dado ao conhecimento do tipo *doxa*, e as implicações que reducionismos, recortes teóricos, advindos do já discutido paradigma da objetividade científica, podem trazer para os estudos de uma prática social tão complexa.

No capítulo II, passamos pelos resultados que foram encontrados na leitura dos trabalhos acadêmico-científicos sobre capoeira produzidos na Unicamp. Algumas breves conclusões se fizeram presentes neste capítulo. Identificamos, por exemplo, trabalhos de forte teor utilitarista (em alguns, também compensatório), ao passo que abordagens dialéticas também apareceram.

Acreditamos que através deste trabalho pudemos apontar alguns dos rumos que a produção científica da Unicamp tomou. Chamamos à atenção, contudo, para a necessidade de discutirmos de forma mais aprofundada as concepções teóricas que nortearam esta produção, a fim de mapearmos como as abordagens empírico-analíticas, fenomenológicas e dialéticas ocuparam o espaço político da pós-graduação na Unicamp.

Uma vez dito isso, passamos para o conteúdo deste capítulo III, onde apresentamos alguns devaneios que nos acometeram nos meses em que nos esforçamos para a viabilização deste trabalho de conclusão de curso.

Cabe, então, uma breve elucubração a respeito das implicações, para a capoeira, de sua tomada como objeto de estudos pela academia.

¹ Canto corrido que anuncia o fim da roda.

² A chamada do berimbau tem por significados encerrar o jogo ou a roda.

A tentativa (teórica) de sistematização da prática, ou de desvinculação de seu ensino da figura do mestre, é fato tão antigo quanto recorrente (já mencionamos o trabalho de Silva no qual iniciativas como as de Inezil Penna Marinho, Annibal Burlamaqui, Lamartine Pereira da Costa são profundamente discutidas).

Não faltam propostas de caráter esportivo, associadas ao treinamento, para maior eficácia de seus gestos técnicos. Campeonatos, ou jogos mundiais de capoeira também já são comuns.

Mas o contra ponto teórico também se faz presente aqui. Retomamos este ponto para reafirmar que não é homogênea a produção teórica sobre a capoeira dentro da Unicamp. No espaço desta produção materializa-se o embate político das diversas correntes de pensamento que lutam por hegemonia dentro (não só) da universidade.

Ainda neste sentido, mesmo que a primeira vista pareça óbvio, é que não é possível traçar grandes linhas que dividam as escolas, as vertentes a que se filiam os autores e autoras e as interliguem mecanicamente a concepções, a visões sobre a capoeira.

Não foram tecidas afirmações do tipo “os autores mais próximos da capoeira regional apresentaram uma visão mais esportivizada”, ou “os próximos da capoeira contemporânea, uma visão mais utilitarista” ou ainda que “as pessoas mais próximas da capoeira angola, uma visão romântica”.

Considerarmos que tais afirmações não só não dão conta das nuances da história, como não condizem com a complexidade do movimento social no qual está inserida a capoeira. Além de não apresentar condições de superar o romantismo e a superficialidade da qual derivam, tais afirmações, em nossa compreensão, não condizem com uma visão dialética da realidade.

Um outro importante fato que não pode deixar de ser mencionado é que a academia ainda não superou o positivismo nela presente. É claro para nós que a universidade configurou-se como o espaço do conhecimento científico, porém ciência não é sinônimo de positivismo. E mesmo outras concepções teóricas, como a fenomenologia ou a dialética,

materializam-se dentro desta ordem científica, em uma estrutura que não foi ainda superada³.

Este fato traz sérias implicações para os trabalhos acadêmicos que, para atingir cientificidade, ter validade científica, precisam adequar-se a certas normas e postulados, o que implica em certas escolhas, em detrimento de outras. Não estamos com isso propondo que o rigor, a disciplina e o cuidado metodológico, próprios da *episteme*, sejam abandonadas, que neguemos sua validade, sua importância (histórica, inclusive), chamamos a atenção para os limites desta realidade, que, no mínimo, muito dificultam que formas não científicas de conhecimento se façam presentes no interior da academia e, quando estão, o fazem como bem ilustrou Eduardo Galeano.

Acreditamos que os espaços (não só) da pesquisa acadêmica devam ser ocupados, pois é neles que se faz presente o embate político entre as diferentes lógicas científicas, oriundas de ontologias que estão por sua vez ligadas a interesses de classe distintos.

Se a pesquisa dialética tem de se materializar em uma estrutura positivista, que assim o seja, para que a imanência da crítica dê condições para a superação ou, se preferirmos, supra-sunção positiva.

³ São alguns simples exemplos desta lógica positivista a compartimentalização do conhecimento, ou as questões de forma em trabalhos científicos, com divisões em introdução, corpo, conclusões, com metodologias e objetivos, em outras palavras, a ordem para o progresso (“da ciência”, se assim preferirmos).

Referências.

- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Capoeira angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2004.
- ALVES, Rubem. Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo. Ars poética, 1996.
- BACHELARD, Gaston. Epistemologia. Trad. Elena Posa. 2. ed. Barcelona: Anagrama, 1989.
- BARÃO, Adriana de Carvalho. A performance ritual da "roda de capoeira". Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, 1999.
- CARVALHO, Manoel da Silva de. Capoeira: uma atividade física como instrumento de integração e as estratégias criadas para facilitar a compreensão dos praticantes com deficiência auditiva. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2001.
- CORDEIRO, Izabel Cristina de Araújo. Bota a mandinga ê... a esportização da capoeira em questão. Trabalho de Conclusão de Curso (especialização). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 1992.
- CORTELLA, Mario Sergio. A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos. 4. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2001.
- FALCÃO, José Luiz Ciqueira. Capoeira. In. Dicionário Crítico de Educação Física. Org. Fernando Jaime González, Paulo Evaldo Fensterseifer. Ijuí:Unijuí, p. 158-161, 2005.
- GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. Trad. Eric Nepomuceno. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- GONZALEZ, Andréa de Nardi. Uma proposta de capoeira para o ensino escolar. Trabalho de Conclusão de Curso (especialização). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 1995.
- JARDIM, Marta Lima. Projeto capoeirar: uma proposta de ensino da capoeira como parte integrante do projeto amé a vida sem drogas, em realização na rede pública de ensino de Campinas. Um relato de experiência. Trabalho de Conclusão de Curso

- (graduação). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 1999.
- MACHADO, Lara Rodrigues. Capoeira e dança na educação de adolescentes. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, 2001.
- PENTEADO JÚNIOR, Wilson Rogério. Capoeira e cidadania: um estudo da prática capoeirística e sua aplicação em projetos sócio-educacionais na cidade de Campinas-SP. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2001.
- PIRES, Antonio Liberac Cardoso Simões. A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937). Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1996.
- PIRES, Antonio Liberac Cardoso Simões. Movimentos da cultura afro-brasileira: a formação histórica da capoeira contemporânea 1890-1950. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2001.
- REGO, Waldeloir. Capoeira angola: ensaio sócio-etnográfico. Salvador. Itapuã, 1968.
- ROCHA, Maria Angélica. Capoeira: uma proposta para a educação física escolar. Trabalho de Conclusão de Curso (especialização). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 1990.
- SALVADORI, Maria Ângela Borges. Capoeiras e malandros: pedaços de uma sonora tradição popular (1890-1950). Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1990.
- SÁNCHEZ GAMBOA, Silvio. Apresentação. Revista Perspectiva. n. 30, p. 9-13, julho-dezembro, 1998.
- SÁNCHEZ GAMBOA, Silvio. Epistemologia. In. Dicionário Crítico de Educação Física. Org. Fernando Jaime González, Paulo Evaldo Fensterseifer. Ijuí:Unijuí, p. 158-161, 2005.
- SÁNCHEZ GAMBOA, Sílvio. Teoria e Prática: uma relação dinâmica e contraditória. Motrivivência. UFSC, Florianópolis, n. 8, p. 31-48, dez. 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 63, p. 237-280, outubro 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências. 8. ed. Porto: Afrontamento, 1996.

SILVA, Renata de Lima. Mandinga da rua: a construção do corpo cênico a partir de elementos da cultura popular urbana. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, 2004.

SILVA, Paula Cristina da Costa. A educação física na roda de capoeira... entre a tradição e a globalização. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2002.

SOARES, Carlos Eugenio Líbano. A capoeira escrava no Rio de Janeiro: 1808-1850. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1998.

SOARES, Carlos Eugenio Líbano. A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro 1850-1890. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1993.

ANEXO I

FICHA DE REGISTRO

1. Título:
2. Autor:
3. Orientador:
4. Nível do trabalho:
5. Área de estudo:
6. Data da defesa:
7. Qual a problemática abordada:
8. Objetivo principal:
9. Questões norteadoras:
10. Fontes e técnicas utilizadas:
11. Principais autores citados:
12. Qual o caráter do trabalho (histórico, antropológico etc):
13. A que “escola” de capoeira se filia (regional, angola etc):
14. Qual a visão de capoeira apresentada pelo autor ou autora:
15. Como a capoeira se faz presente no trabalho:
16. Relações entre doxa e episteme (relações entre capoeira e conhecimento científico):
17. Dentre estas duas formas, qual tem prioridade:
18. Principais conclusões:
19. Resumo dos trabalhos:

ANEXO II

TRANSCRIÇÃO DAS INFORMAÇÕES OBTIDAS ATRAVÉS DAS FICHAS

Trabalho 1

1. Capoeira: uma proposta para a educação física escolar.
 2. Maria Angélica Rocha.
 3. Profa. Dra. Heloísa Turini Bruhns.
 4. Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Educação Física Escolar (FEF).
 5. Educação Física.
 6. 1990.
 7. A estagnação, a mesmice e o tecnicismo das aulas de educação física nas escolas.
 8. Demonstrar de que forma a capoeira pode se configurar em uma alternativa ao tecnicismo presente nas aulas de educação física, “por suas contribuições enquanto atividade física, cultura e educação integral do indivíduo e tantos outros benefícios à percepção do homem para uma vida mais de acordo com sua realidade, necessidades e interesses” (p. 34).
 9. Como se deu a institucionalização da capoeira?
Como se apresenta a capoeira nas academias do centro e da periferia da cidade de Campinas?
Como a capoeira deve ir para dentro da escola?
 10. Consulta bibliográfica e visitas a academias do centro e periferia da cidade de Campinas.
 11. Vitor Marinho de Oliveira.
João Paulo Medina.
Go Tani.
João batista Freire.
- ***

Gladson Oliveira Silva.

Waldeloir Rego.

12. Este trabalho apresenta uma certa mistura conceitual, embora aponte para uma abordagem cultural.
13. Capoeira contemporânea¹.
14. A autora tem uma visão romântica da capoeira, como algo que por si só (por seu passado) daria conta de romper com o tecnicismo das aulas de educação física e fazer a ponte com a cultura.
15. Como alternativa possível para as aulas de educação física e como um espaço de articulação entre o saber popular e o conhecimento científico, no qual “o mestre pode buscar no professor o complemento sistematizado e este, por sua vez, pode buscar no mestre a essência da cultura” (p. 34).
16. A “cultura” e o conhecimento “sistematizado” são, para a autora, “complementares” (p. 34).
17. A ciência deve ir à capoeira para torná-la compatível com o espaço escolar.
18. Se a capoeira deve sofrer alterações metodológicas para se fazer condizente com o espaço escolar, ela, por si, justifica-se tanto quanto qualquer outra manifestação da cultura corporal como conteúdo das aulas de educação física.
19. NÃO APRESENTA RESUMO.

¹ Capoeira contemporânea significa, neste caso, aquela manifestação atual da capoeira, que não se configura nem como capoeira regional (desenvolvida por volta de 1930) e nem como capoeira angola (mesmo a praticada atualmente), e sim a que se configurou a partir de uma mistura entre as duas formas, tendo na neutralização entre as diferenças históricas e políticas seu principal argumento. Compreensão diferente deste termo pode ser encontrada em PIRES, 2001.

Trabalho 2

1. Bota mandinga ê... a esportivização da capoeira em questão.
2. Izabel Cristina de Araújo Cordeiro.
3. Profa. Dra. Carmem Lúcia Soares.
4. Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Recreação e Lazer.
5. Educação Física.
6. 1992.
7. A esportivização/ domesticação/ apropriação da capoeira, compreendendo a “esportivização como processo de domesticação” (p. 3).
8. Este trabalho tem por objetivo “levar contribuições teóricas para os meios em que a capoeira se faz presente” (p. 3).
9. Como se deu o processo de esportivização da capoeira a partir da década de 1930?
10. Consulta bibliográfica e história oral.
11. Valter Bracht.
Marilena Chauí.

Waldeloir Rego.
Almir das Areias.
Raimundo César Alves Itapoan.
Alexandre Mello Moraes filho.
12. É um trabalho de caráter histórico.
13. Capoeira contemporânea.
14. Concebe a capoeira dentro do movimento da história, sujeita aos embates políticos da época de sua esportivização.
15. É a partir dela que se estabelecem as relações com os momentos históricos estudados, com as forças políticas do período de sua esportivização.
16. As relações presentes são no sentido de munir o capoeirista de uma noção histórica, no sentido de fazê-lo saber-se no tempo.
17. A *episteme* tem prioridade.

18. Muito já se avançou nas discussões sobre esta temática. Alguns dos posicionamentos da autora são um pouco românticos e não levam em conta as contradições presentes nos processos históricos.
19. “O presente estudo é resultado de uma pesquisa bibliográfica e constitui-se numa primeira reflexão a respeito da esportivização da capoeira, enquanto agente do processo de domesticação desta manifestação da cultura corporal de movimento. Numa abordagem histórica do tema, sistematizei informações sobre a gênese da capoeira e sua historicidade, a fim de levar contribuições teóricas para os meios em que esta manifestação se faz presente hoje”.

Trabalho 3

1. Uma proposta de capoeira para o ensino escolar.
2. Andréia de Nardi González.
3. Prof. Dr. José Julio Gavião de Almeida.
4. Trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física.
5. Educação Física.
6. 1995.
7. A capoeira como uma proposta para o ensino escolar, para a “formação motora e intelectual do aluno” (p. 3).
8. Garantir “a capoeira enquanto manifestação cultural, cultura popular, com suas características determinadas pelo social, econômico e político, e mais, enquanto atividade motora, pode ser inserida no sistema educacional” (p. 34) (grifos nossos).
9. Quais são as principais características da capoeira que podem justificá-la no ensino escolar?
10. Consulta bibliográfica e registros sonoros.
11. Carmen Lúcia Soares.
Jocimar Daolio.
Antonio Augusto Arantes.

Almir das Areias.
Waldeloir Rego.
12. Aqui também ocorre uma certa mistura conceitual, define-se de forma cultural, mas têm na educação motora, na biologia seus pressupostos teóricos.
13. Não fica muito claro. Parece ser da capoeira contemporânea.
14. É uma visão com certo tom utilitarista, que vê na capoeira uma manifestação rica em gestos motores.
15. Como manifestação que possibilita a “formação motora e intelectual do aluno” (p. 3).

16. A autora entra em pontos como manifestação cultural, cultura popular, a importância disto na escola, mas, além de demonstrar grande confusão conceitual, de forma alguma desenvolve estes conceitos.
17. Por ser, em última instância, biológico o argumento que orienta o trabalho, a *episteme* tem grande prioridade.
18. O trabalho apresenta uma grande confusão conceitual e problemas no trato com as fontes.
19. NÃO APRESENTA RESUMO.

Trabalho 4

1. Projeto capoeira: Uma proposta de ensino da capoeira como parte integrante do projeto “ame a vida sem drogas”, em realização na rede pública de ensino de Campinas. Um relato de experiência.
2. Marta Lima Jardim.
3. Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida.
4. Trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física.
5. Educação Física.
6. 1999.
7. As preocupações educacionais que devem se fazer presentes no interior da capoeira, seja na educação formal ou não formal, ou seja, “relação entre conhecimento da capoeira e a capacidade de aplicação pedagógica deste conhecimento” (p.4).
8. Analisar o projeto no qual a autora atua e demonstrar que as relações acima explicitadas, em tal projeto de fato ocorrem.
9. Como a capoeira se relaciona com o espaço escolar?
Que decorrências podem ser observadas a partir desta prática?
Como as preocupações pedagógicas devem integrar um projeto de educação não formal?
Isso ocorre no projeto “ame a vida sem drogas”?
10. Consulta bibliográfica e entrevistas.
11. Coletivo de autores
Demerval Saviani

José Luiz Ciqueira Falcão
12. Aparenta ser um trabalho cultural.
13. Capoeira contemporânea.
14. A autora escreve sobre a história da capoeira, sobre sua filosofia, percebe certas contradições presentes no interior desta prática, mas não leva isso à diante.

15. É um projeto que foi implementado pela Federação das Entidades Assistencialistas de Campinas (FEAC) e, como o próprio nome da entidade diz, é um projeto assistencialista, tem uma visão extremamente funcionalista da capoeira.
16. A capoeira precisa ser tornada compatível com o espaço escolar, precisa munir-se de certas preocupações pedagógicas a fim de dar conta das especificidades deste espaço.
17. A *episteme* tem prioridade.
18. É um trabalho que oscila teoricamente. Toma por base alguns autores de orientação materialista histórico dialética, mas parece não compreender dialeticamente a realidade histórica da capoeira, sem mencionar as relações entre capoeira e educação motora, também presentes no trabalho.
19. “Esta monografia surgiu em função das preocupações que inquietam a pesquisadora, construídas ao longo da sua experiência no universo capoeirístico e acadêmico. Partindo-se da premissa de que, em geral, a forma como a capoeira vem sendo ensinada através dos anos carece de estrutura pedagógica que a faça ir além de uma expressão cultural, o problema central tratado neste estudo foi a busca da relação entre o conhecimento da capoeira e a capacidade de aplicação pedagógica deste conhecimento. Tal estudo que teve como objetivo geral pesquisar e propor um projeto de capoeira orientado para uma perspectiva educacional teve, ainda, como objetivo específico, a preocupação de apresentar um projeto de capoeira em desenvolvimento dentro do Projeto Ame a Vida Sem Drogas enfocando-se seus aspectos gestuais, sócio-históricos- culturais e artísticos, voltados para preocupações inerentes ao meio escolar.

Após o capítulo introdutório, o segundo capítulo analisou a capoeira relacionando-a ao contexto educacional, fazendo algumas abordagens sobre seus primeiros contatos com a instituição escolar, sua inserção nesta instituição, os aspectos positivos e negativos dessa inserção e, por fim, teceu algumas considerações sobre o ensino da capoeira na escola bem como qual deve ser o profissional mais adequado ao papel de agente educacional da capoeira, nesta instituição.

Um terceiro capítulo apresentou as diretrizes do Projeto Ame a Vida sem Drogas, projeto este em seu segundo ano de realização, voltado para um trabalho de prevenção primária ao uso indevido das drogas, tendo como público alvo crianças e adolescentes do município de Campinas.

Já no quarto capítulo foi apresentado o Projeto Capoeirar propriamente dito, na forma a qual ele foi enviado ao órgão que o implantou dentro do Projeto ame a Vida sem Drogas (FEAC).

Em seguida, no quinto capítulo, foram abordadas informações mais detalhadas referentes à implantação e andamento do Projeto Capoeirar neste seu primeiro ano de realização, ou seja, na forma de Projeto piloto.

Enfim, neste estudo as preocupações estiveram centralizadas na elaboração daquele que foi denominado "Projeto Capoeirar", bem como na sua aplicabilidade.”

Trabalho 5

1. Capoeira: uma atividade física como instrumento de integração e as estratégias criadas para facilitar a compreensão dos praticantes com deficiência auditiva.
2. Manoel da Silva Carvalho.
3. Prof. Dr. Paulo Ferreira Araújo.
4. Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Atividade Motora Adaptada.
5. Educação Física.
6. 2001.
7. Os “benefícios que a capoeira praticada como atividade física integradora oferece aos indivíduos com problemas de surdez” (p. 8).
8. Comprovar os “benefícios que a capoeira praticada como atividade física integradora oferece aos indivíduos com problemas de surdez” (p. 8).
9. O que a capoeira pode contribuir para pessoas com problemas de surdez?
Que adaptações devem ser feitas no processo de ensino?
Quais as melhoras apresentadas pelos praticantes?
10. Consulta bibliográfica e questionários aos pais dos praticantes.
11. Nelson Carvalho Marcelino.
Johan Huizinga.

Waldeloir Rego.
Gladson Oliveira Silva.
12. É um trabalho muito confuso.
13. Capoeira contemporânea.
14. O autor apresenta uma visão extremamente funcionalista da capoeira, para ganhos biológicos, bem como comportamentais.
15. Como instrumento para integrar surdos e “normais”, e também melhorar características e capacidades de surdos e deficientes auditivos.
16. A relação é muito vaga, mas a ciência instrumentaliza a prática e quantifica os resultados, para que as necessidades do grupo em questão sejam atingidas.

17. O conhecimento científico redefine a prática, seus métodos e objetivos. A *episteme* tem prioridade.
18. É um trabalho um tanto quanto confuso. Muitas informações simplesmente aparecem, sem nenhuma fonte ou nota que indique a procedência. Outro fato é que pela forma como o autor expõe o trabalho e por sua compreensão acerca da capoeira e dos processos de educação, a prática que compõe o corpo do trabalho poderia ser qualquer outra. Não são feitas relações que explicitem a real relevância da capoeira como conteúdo escolhido, a não ser por uma história de vida do autor, o que por si só não é suficiente.
19. “Este estudo teve como objetivo verificar a possibilidade da prática da capoeira para os D.A. como uma atividade física de lazer com caráter educativo, oportunizando aos mesmos a possibilidade de integração com os ouvintes, a idéia surgiu após uma reflexão diante deste quadro da sociedade.

Para torná-lo possível elaboramos um programa de aulas de capoeira através de seqüências de movimentos com algumas estratégias criadas (símbolos e sinais) que se constituíram em uma linguagem a ser utilizada nos trabalhos com capoeira para esta classe de alunos (os portadores de D.A.), com apoio em uma revisão literária, uma pesquisa de campo e a participação de um grupo de quinze (15) alunos da escola de deficientes auditivos "Prof. Neusa Barreto", com classificação (acentuada, grave e profunda). A criação de programas de atividades com capoeira se justificam uma vez que os praticantes deste esporte estão cada vez mais presentes como alunos nos cursos de Educação Física. Ao longo dessa pesquisa de campo, um fato despertou nossa atenção, foi o grande interesse demonstrado pelos alunos com surdez e D.A., pelos instrumentos musicais da capoeira. A capoeira por ser uma atividade física que envolve o som, o ritmo, a música e o trabalho corporal, pode atender as necessidades dos D.A., por serem sensíveis à música como qualquer ser humano. A exploração da riqueza de valores que a capoeira possui, a transforma em um instrumento de educação partindo de sua própria linguagem “A Linguagem Corporal”, somando-se à capacidade de visualização dos portadores de D. A.”.

Estes grupos de alunos após um período inicial apresentaram resultados satisfatórios com relação às mudanças de comportamento, tais como: frequência escolar, interesse pelo estudo; melhora da auto-estima e autoconfiança.

Apresentando também resultados satisfatórios nas capacidades coordenativas motoras e de equilíbrio.

A criação de programas que atendem os conteúdos da Educação Física, possibilitando uma melhora na qualidade de vida das pessoas portadoras de necessidades especiais, é de competência dos profissionais da área de atuação.”

Trabalho 6

1. Capoeira e cidadania: um estudo da prática capoeirística e sua aplicação em projeto sócio-educacionais na cidade de Campinas S P.
2. Wilson Rogério Penteado Júnior.
3. Profa. Dra. Emília Pietrafisa de Godoi.
4. Trabalho de conclusão do curso de bacharelado em Antropologia em Ciências Sociais.
5. Antropologia.
6. 2001.
7. Este trabalho tem por problemática analisar “como se dá a prática da capoeira no âmbito do Projeto de Formação I da Fundação Orsa, uma vez que este tipo de projeto tem por principal meta, integrar a criança e o jovem de camadas populares à sociedade” (p. 8).
8. O objetivo principal do trabalho “é analisar de que forma estes princípios (da capoeira, que são, segundo o autor, a cooperação, respeito mútuo, disciplina, autocontrole) atingem estas crianças e jovens e quais são suas efetivas contribuições na formação de futuros cidadãos” (p.8).
9. Quais são as principais características da capoeira?
Qual é a realidade das crianças e jovens deste tipo de projeto sócio-educacional?
A capoeira atinge aquilo a que se propõe?
10. Consulta bibliográfica, observação participante e entrevistas.
11. Clifford Gertz.
Renato Ortiz.
Sidney Chalhoub.

Waldeloir Rego.
Almir das Areias.
Letícia Vidor de Souza Reis.
José Luiz Ciqueira Falcão.
Carlos Eugênio Líbano Soares.

12. O trabalho coloca-se dentro da perspectiva da antropologia cultural.
13. Capoeira contemporânea.
14. De uma prática que, naquele espaço, com aqueles praticantes, pode contribuir para a formação de futuros cidadãos.
15. Como prática pedagógica que tornará possível transformar crianças e jovens da periferia de Campinas em cidadãos.
16. É a ciência que dará a capoeira o aval de prática que dá ou não conta daquilo a que se propõe.
17. A *episteme* tem prioridade.
18. Aqui pudemos perceber um leve tom funcionalista, a partir de uma prática com fins integradores.

Além disso, se “a capoeira possui todas as possibilidades de ser educativa dependendo da direcionalidade e intencionalidade de quem a executa” (p.111), ela não “possui eficiência pedagógica” (p. 109) em si, o que nos remete a seguinte discussão: não é a capoeira (ou qualquer outra prática), mas sim a abordagem que a ela é dada, no trato com o processo pedagógico de seu ensino, que a justificará no interior de um projeto desta natureza.

19. NÃO APRESENTA RESUMO.

Trabalho 7

1. Capoeiras e malandros: pedaços de uma sonora tradição popular (1890-1950).
2. Maria Ângela Borges Salvadori.
3. Profa. Dra. Maria Clementina Pereira Cunha.
4. Dissertação de mestrado.
5. História.
6. 1990.
7. Estudar as figuras do capoeira e do malandro como formas de resistência, por “uma prática de vida onde a liberdade pretendia ser preservada” (p. 6), em relação às práticas e discursos higienistas da polícia, Estado e intelectuais a este ligados.
8. O objetivo do trabalho “romper com visões que percebem malandro com contraventor, louco ou ‘tipo nacional’(...). Mostrar que o malandro, e o capoeira que o antecedeu, não são vadios. Eles representam um esforço pela afirmação da personalidade e por uma experiência de vida onde a submissão esteja ausente” (p.16-17).
9. Quem são os malandros do século XX e os capoeiras do século XIX?
Como suas ações eram vistas pela ordem instituída?
Como com esta ordem se relacionaram?
Como podem ser vistos como forma de resistência?
10. Consulta bibliográfica, fichas criminais, documentos policiais, músicas, literatura e memórias (depoimentos).
11. Sidney Chalhoub.
Michel Foucault.
Renato Ortiz.
Eric Hobsbawm.
Nicolau Sevcenko.

Aluísio Azevedo.
Lima Barreto.

Almir das Areias.

12. Trabalho histórico.
13. Não é possível identificar a escola de capoeira a qual a autora pertence e, para este trabalho, isto não tem grandes implicações.
14. Como forma de resistência, por um “viver sobre si” (as aspas são do original, embora a autora não mencione, parece ser um termo cunhado por Sidney Chalhoub).
15. Como manifestação de um grupo social em busca de uma certa autonomia frente às relações de trabalho.
16. As relações entre *doxa* e *episteme*, em trabalhos históricos, são um pouco mais delicadas. Ocorre, sim, uma relação entre fontes de diversas naturezas, de arquivos policiais a literatura e relatos (depoimentos), sem uma hierarquização (positivista) destas.
17. O trabalho precisa ter cientificidade, o trato para com as fontes de diversas naturezas precisa ser muito cuidadoso.
18. Pudemos perceber um certo tom de romantismo presente no trabalho, seja quando a autora toma a malandragem e a capoeira como formas de resistência, ou como “formas de vida onde a submissão esteja ausente” (p. 17), ou ainda quando ela compara malandragem e banditismo, navalha e revólver, manifestações de épocas diferentes, comparadas de forma, às vezes, quase a-histórica.
19. NÃO APRESENTA RESUMO.

Trabalho 8

1. “A negregada instituição”: os capoeiras no Rio de Janeiro 1850-1890.
2. Carlos Eugênio Líbano Soares.
3. Prof. Dr. Sidney Chalhoub.
4. Dissertação de mestrado.
5. História.
6. 1993.
7. A capoeira na segunda metade do século XIX, dentro da história da escravidão. Os matizes desta prática entre negros e/ou pobres e suas relações com a corte.
8. Traçar um panorama da capoeira na citada época, seus praticantes, suas formas de organização e concepções políticas.
9. Como a capoeira esteve presente nos jornais, crônicas policiais da época e tese acadêmicas até agora?
Como se formaram as duas principais maltas de capoeiras do Rio de Janeiro e como funcionavam?
Como e por quem eram compostas?
Como se deu a participação política (consciente) destas maltas?
Como se estruturou a repressão policial à capoeira?
10. Consulta bibliográfica, fichas crime das casas de detenção do Rio de Janeiro (na referida época), crônicas policiais e reportagens.
11. Sidney Chalhoub.
Alexandre Mello Moraes Filho.
Leila Mezan Algranti.
Michel Foucault.
Eric Hobsbawm.
Plácido de Abreu.

Luiz Câmara Cascudo.
Edison Carneiro.
Waldeloir Rego.

Luiz Renato Vieira.

Letícia Vidor de Sousa Reis.

Almir das Areias.

12. Trabalho histórico.

13. Embora seja da capoeira contemporânea, para este trabalho, esta informação é irrelevante.

14. Como manifestação inserida dentro do movimento da história, repleta de sutilezas, complexidades e contradições, ao mesmo tempo resultado e transformadora da realidade objetiva.

15. Como as maltas, organizadas, passaram a atuar politicamente, em disputas até mesmo partidárias, no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX.

16. Assim como o trabalho 7, este é um trabalho histórico, que faz uso de fontes de diversas ordens (não consulta músicas, como o faz Salvadori), com grande cuidado metodológico no que se refere a estas diferenças.

17. As fontes precisam ser analisadas dentro de suas especificidades e limites, para garantir a cientificidade do trabalho.

18. O panorama composto é muito cuidadoso, vai a fontes muito pouco exploradas, (fichas crime) e extrai delas muitas informações. Não se esquivava, pelo contrário, aponta para as contradições do processo histórico.

19. NÃO APRESENTA RESUMO.

Trabalho 9

1. A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937).
2. Antônio Liberac Cardoso Simões Pires.
3. Prof. Dr. Sidney Chalhoub.
4. Dissertação de mestrado.
5. História.
6. 1996.
7. A capoeira no Rio de Janeiro no final do século XIX e primeira metade do século XX a partir da repressão sofrida pelos capoeiras.
8. A partir da capoeira e dos estudos sobre os negros buscar as relações raciais presentes no Brasil.
9. Como a literatura especializada lidou com a questão das raças, dualismos e mistificação de argumentos históricos?
Como se davam as relações sociais, políticas e econômicas entre os capoeiras do Rio de Janeiro na referida época?
Qual era o perfil e como se relacionavam os presos por capoeiragem no Rio?
Como se deu a “construção da capoeira como símbolo de brasilidade”, ou de “cultura negra” ?
10. Consulta bibliográfica, arquivos policiais, queixas crime, literatura, crônicas policiais, reportagens e depoimentos.
11. Eric Hobsbawm.
Julio Tavares.
Thomas Holloway.
Leila Mezan Algranti.
Sydney Chalhoub.
Plácido de Abreu.

Lima Barreto.
Aluizio Azevedo.

Letícia Vidor de Sousa Reis.

Luiz Renato Vieira.

Maria Ângela Borges Salvadori.

Carlos Eugenio Líbano Soares.

12. Trabalho Histórico.

13. Embora seja da capoeira contemporânea, para este trabalho, esta informação é irrelevante.

14. A capoeira é o espaço no qual é possível identificar vários dos conflitos presentes na sociedade da época, disputas políticas, conflitos constantes, dentro das malhas e destas com a sociedade.

15. É o espaço onde se pode identificar conflitos, tensões não reveladas pela história e pela historiografia.

16. Aqui também a relação se dá no trato com fontes de diferentes naturezas, explorando suas possibilidades e limites.

Nas três dissertações de mestrado feitas no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, dentro do Departamento de História, não há relação explícita entre *doxa* e *episteme*.

17. O trabalho precisa ter cientificidade.

18. É um trabalho que parte das mesmas fontes que o trabalho 8, porém envereda por rumos completamente diferentes: as relações raciais no Brasil.

19. NÃO APRESENTA RESUMO.

Trabalho 10

1. A performance ritual da “roda de capoeira”.
2. Adriana de Carvalho Barão.
3. Prof. Dr. Eusébio Lobo da Silva.
4. Dissertação de mestrado.
5. Artes corporais.
6. 1999.
7. A capoeira como “linguagem da performance e do ritual” (p. 7).
8. O objetivo do trabalho é “discutir o processo criativo, que identificamos como ‘mito-poético’ e apresentar uma possibilidade de interpretação artística, dentro de uma perspectiva da linguagem da performance e do ritual” (p. 12).
9. Como ocorre o estudo da estética e da poética na roda de capoeira?
Como os elementos rituais da capoeira se fazem presentes na roda?
Como a capoeira se relaciona com os aspectos artísticos e criativos?
10. Consulta bibliográfica.
11. Rudolf Von Laban.
Victor Turner.
Mircea Eliade.
Clifford Gertz.

Almir das Areias.
Carlos Eugênio Líbano Soares.
Antônio Liberac Cardoso Simões Pires.
Letícia Vidor de Sousa Reis.
Raimundo César Alves Itapoan.
Mestre Pastinha.
12. A autora situa-se dentro da antropologia da performance.
13. Capoeira contemporânea.
14. A autora apresenta uma visão utilitarista da capoeira.
15. Como espaço ritual onde o ator busca elementos para seu processo de criação.

16. Elementos da cultura popular parecem ter valor, mas unicamente para munir o ator de condições para o processo criativo. Este popular precisa ser analisado, a fim de confirmar a sua condição de espaço ritual rico em significados.
17. A *episteme* tem prioridade.
18. É claro o utilitarismo a que é submetida a capoeira, ela existe como espaço no qual o ator se alimenta, nada mais.
19. “Esta dissertação tem como principal objetivo discutir o percurso criativo para que se abram possibilidades de interpretação artística, a partir da linguagem da performance e do ritual. O evento da “roda de capoeira” foi nosso campo de observação, delimitado por entendermos que este é o momento no qual se condensam as representações simbólicas da prática da capoeira. Percebemos este evento como uma linguagem artística, performática, num contexto ritual. Os pressupostos teórico-metodológicos por nós utilizados partem da perspectiva da antropologia da performance, o estudo do movimento e dos processos criativos. Pretendemos, desta forma, apresentar uma possibilidade de olhar uma prática cultural de caráter ritual, tradicional, popular, e estar aberto para senti-la e interpretá-la teórica e artisticamente.”

Trabalho 11

1. Capoeira e dança na educação de adolescentes.
2. Lara Rodrigues Machado.
3. Profa. Dra. Inaicyra Falcão dos Santos.
4. Dissertação de mestrado.
5. Artes corporais.
6. 2001.
7. A trajetória dos “adolescentes desprotegidos socialmente” (p. 5) do Grupo Ilê-Axé.
8. Demonstrar o trabalho desenvolvido com os adolescentes, e como estes demonstraram um “razoável ajustamento pessoal alcançado em um universo social problemático, como o da rua e da periferia das grandes cidades” (p. 12).
9. O que é o projeto Ilê-Axé?
Como o trabalho ajudou no ajustamento social destes adolescentes?
10. Consulta bibliográfica, entrevistas e relatos de experiência da autora.
11. Carl Rogers.
Inaicyra Falcão dos Santos.
Paulo Freire.
Graziele E. F. Rodrigues.

Almir das Areias.
Nestor Capoeira.
Carlos Senna.
12. É um pouco difícil definir, pois o trabalho é uma justificativa teórica da prática da autora. Não se define teoricamente.
13. Capoeira contemporânea.
14. Apresenta uma visão utilitarista.
15. Como prática de caráter assistencialista, que pode salvar adolescentes desprotegidos socialmente, recuperar a auto-estima etc...
16. A relação não é explícita, o trabalho desenvolvido precisa passar pelo crivo da ciência, para constatar se atingiu os resultados esperados.

17. A *episteme* te prioridade.

18. Pudemos perceber neste trabalho um forte traço pragmático-utilitarista. A autora busca uma teoria que justifique sua prática, seus sentimentos e suas emoções em relação a esta prática, e não uma teoria que a problematize, para que esta possa constantemente transformar-se.

19. “Como bailarina pesquisadora e intérprete desenvolvo, há cerca de oito anos, a prática e o estudo da Dança Brasileira na linha específica do método "Bailarino Pesquisador Intérprete". Meu trabalho baseia-se na pesquisa de campo que é transformada em espetáculo artístico de dança, no decorrer do processo. Desde 1996 intensifiquei o trabalho com adolescentes de rua e da periferia de Campinas. Nesse período realizei três pesquisas de campo e três montagens de espetáculos. Formou-se, em 1997, um grupo específico desses adolescentes denominado Ilê-Axé, que fez parte do programa do Externato São João de Campinas, onde atuei como professora de dança e de capoeira. O projeto de dança Ilê-Axé, além de ter sido responsável pela recuperação de mais de oitenta adolescentes desprotegidos socialmente, atuou especificamente na formação profissional de doze destacados alunos. Estes adolescentes estão sendo instruídos para, futuramente, desenvolverem o papel de multiplicadores educacionais no universo da capoeira e da dança. O presente trabalho descreve a trajetória do grupo de dança Ilê-Axé, desde 1996 até o ano 2001 quando levamos ao palco o espetáculo "Terra do Sacode", contando a história desses adolescentes e de outros que vivem em nossa realidade.”

Trabalho 12

1. A educação física na roda de capoeira... entre a tradição e a globalização.
2. Paula Cristina da Costa Silva.
3. Prof. Dr. Lino Catellani Filho.
4. Dissertação de mestrado.
5. Educação física.
6. 2002.
7. O trabalho “procurou investigar as concepções através das quais a Capoeira, entendida com manifestação da cultura corporal brasileira, vem sendo concebida pela Educação Física” (p. XI).
8. O objetivo do trabalho é discutir “como os estudiosos da área de conhecimento Educação Física vêm apropriando-se da prática corporal capoeira e dos estudos gerados a partir deste tema” (p. 6).
9. Qual a história da prática social capoeira?
Com seu percurso histórico ocorre paralelamente ao da Educação Física?
“Qual é o entendimento que o segmento vinculado ao espaço de configuração da regulamentação da profissão de Educação Física possui, tanto da própria Educação Física quanto da Capoeira, para justificar a ação profissional no âmbito da Capoeira aos Conselhos Federal e Regionais de Educação Física” (p. 6)?
10. Consulta bibliográfica e entrevistas.
11. Lino Castellani Filho.
Inezil Penna Marinho.
Roberto Moura.

Antônio Liberac Cardoso Simões Pires.
Carlos Eugênio Líbano Soares.
Edison Carneiro.
Waldeloir Rego.
José Luiz Ciqueira Falcão.
12. É um trabalho que se aproxima de um olhar sociológico.

13. A autora apresenta uma visão mais próxima da capoeira angola, embora ela não afirme isso.
14. A autora enxerga a capoeira dentro do movimento da história, influenciada pelas condições materiais objetivas de cada época, mas com um papel político muito importante ao longo da história do Brasil.
15. Como a manifestação sobre a qual o Estado, por meio (neste caso) da educação física, exerceu uma série de ações, desde a repressão até a tentativa de apropriação.
16. É um trabalho que apresenta uma visão dialética da realidade, que não parte da dicotomia entre o popular e o científico, mas os concebe como formas em constante tensão, de ordens diferentes, por isso não-hierarquizáveis.
17. Da relação sempre tensa entre a *doxa* e a *episteme* deriva uma outra compreensão de ciência, sem prioridades arbitrárias, mas sim, cuidado e rigor no trato com o conhecimento.
18. A relação acima citada é bem presente durante todo o trabalho. Podemos perceber a ênfase dada pela autora nas relações políticas que permearam os percursos e trajetos históricos da capoeira e da educação física.
19. “Trata-se de um estudo bibliográfico que (abarcando um período que vai do século XIX até os dias de hoje) procurou investigar as concepções através das quais a Capoeira, entendida como uma manifestação da cultura corporal brasileira, vem sendo concebida pela Educação Física, área acadêmica dentro da qual este trabalho ganhou forma.

Para tanto, realizou-se a análise de obras provenientes dos campos de conhecimento antropológico, histórico e sociológico, do senso comum, presentes no interior do meio capoeirístico e originárias do ecletismo existente dentre os professores de educação física. Esta análise propiciou uma investigação das inter-relações estabelecidas entre a Capoeira e a prática educativa denominada educação física.

Verificou-se a submissão da Capoeira, em determinados momentos históricos, aos sentidos assumidos pela educação física na sua ação educativa, buscando imprimirlhe características próprias aos métodos utilizados em seu fazer pedagógico. Tal fato pode ser atribuído principalmente ao caráter marginal assumido pela Capoeira, que teve seu berço na escravidão negra no Brasil, e ao desejo das Forças Armadas e de

intelectuais ligados à Educação em domesticá-la segundo os padrões societários hegemônicos.

Por outro lado, também foi possível notar que a Capoeira assimilou os discursos e métodos provenientes da prática educativa gerada pela educação física. Isso se refletiu na incorporação, na década de 1930, dos valores inerentes à educação física, detectando nesta ação a possibilidade de seu reconhecimento social e de sua liberalização. No entanto, estes valores, ao serem incorporados pelo meio capoeirístico, foram por ele simultaneamente reconceituados, dando trato ao que se chamou de *a reinvenção da tradição da Capoeira*.

Constatou-se ainda que as inter-relações entre os objetos investigados nem sempre se estabeleceram de forma unânime, tanto nos setores que compunham o universo da educação física, quanto naqueles afetos ao meio capoeirístico.

Mais do que a inexistência de unanimidades, esse estudo, ao apontar as inter-relações entre os objetos em apreço no atual momento histórico, analisa a ausência de elementos consensuais sobre a maneira de conceber a Capoeira no universo das práticas corporais tidas por um segmento dos profissionais de educação física como de sua exclusiva competência, situação essa categoricamente refutada por parte do meio capoeirístico.

É a análise deste debate, encetada por este trabalho, que permite ao final apreender o contexto do cotejo entre os valores tradicionais e os impostos pelo mundo globalizado, hoje presentes na Capoeira sob os olhares atentos da Educação Física, aqui agora ratificada na sua expressão de área acadêmica.”

Trabalho 13

1. Mandinga da rua: a construção do corpo cênico a partir de elementos da cultura de rua.
2. Renata da Lima Silva.
3. Prof. Dr. Eusébio Lobo da Silva.
4. Dissertação de mestrado.
5. Artes corporais.
6. 2004.
7. A capoeira e o hip hop como elementos para a construção do corpo cênico.
8. A “construção do corpo cênico, amparado pela técnica corporal e pelo treinamento que capoeira pode oferecer, tendo como conteúdo temático o movimento hip hop” (p. 7).
9. Como se identificam a capoeira e o hip hop com o processo de criação e com a construção do corpo cênico?
10. Consulta bibliográfica.
11. Milton Santos.
Maurice Merleau-Ponty.
Jocimar Daolio.
Luiz Otávio Burnier.
Roger Callois.
Joana Lopes.
Johan Huizinga.

Almir das Areias.
Waldeloir Rego.
12. Pelos autores citados podemos ter uma idéia da dificuldade de classificar este trabalho.
13. Capoeira angola.
14. A autora apresenta uma visão extremamente utilitarista da capoeira.
15. Como recurso técnico, como treinamento corporal do ator.

16. Algumas relações são tecidas neste trabalho, no sentido de justificar uma importância da cultura popular (aqui, cultura de rua), mas, nas palavras da autora, é preciso ter “os pés enraizados na tradição e a cabeça no agora” (p. 13).

17. A *episteme* tem prioridade.

18. É, também, um trabalho de cunho pragmático-utilitarista, busca uma teoria (ou retalhos de várias teorias) que possa justificar uma prática, sem nenhum intuito de problematizá-la, o que dizer de transformá-la.

19. “Este estudo se refere a uma investigação de processo criativo sensibilizado pela cultura popular urbana. Especificamente à construção do corpo cênico, amparado pela técnica corporal e pelo treinamento que a capoeira pode oferecer, tendo como conteúdo temático o movimento hip hop.

A busca de um corpo poeticamente crítico, para habitar e significar a cena coreográfica, esteve pautada na hipótese de que na cultura popular se encontra um valioso reservatório de simbologias e recursos técnicos, que podem ser transpostos para a dança cênica valorando traços da identidade cultural.

A presente pesquisa se instrumentalizou com os suportes teóricos e práticos (técnicos) da capoeira, de elementos dos estudos labanianos (eucinéica e corêutica) e da noção de ação física. Ainda, na idéia de subjetividade, jogo e instalação -uma ferramenta elaborada para o próprio processo.

Desta maneira, foi possível obter uma metodologia de aplicação de recursos proveniente da cultura popular no trabalho de criação em dança contemporânea, incidindo em uma reflexão sobre a dança brasileira contemporânea.”

Trabalho 14

1. Capoeira escrava no Rio de Janeiro 1808-1850.
2. Carlos Eugênio Líbano Soares.
3. Prof. Dr. Sidney Chalhoub.
4. Tese de doutorado.
5. História.
6. 1998.
7. A “capoeira que era praticada nas ruas da cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX” (p. 6).
8. É o mesmo objetivo da dissertação de mestrado, traçar um panorama da prática da capoeira na cidade do Rio de Janeiro, só que recuando no tempo.
9. Como as elites, os intelectuais e a polícia viam os capoeiras?
Qual era o traço que podia ser percebido em seus discursos?
De que nações vieram os negros?
Qual a possível origem da capoeira e de outras lutas negras latino-americanas?
Como as maltas se organizavam geograficamente?
Como se deu a politização das ações das maltas de capoeiras?
Como se deu a repressão e qual foi sua real eficácia?
10. Consulta bibliográfica, queixas crime, arquivos policiais, pinturas, reportagens e literatura.
11. Mary Karach.
Thomas Holloway.
Alexandre Mello Moraes Filho.
Juvenal Greenhalg.
Sidney Chalhoub.
Eduard Thmpsom.
Plácido de Abreu.
12. Trabalho Histórico.
13. Embora seja da capoeira contemporânea, para este trabalho, esta informação é irrelevante.

14. Prática de negros, escravos ou livres, no ambiente urbano, alvo de brutal repressão policial, que, aliás, permitiu a elaboração da tese.
15. É através da capoeira que os negros se relacionaram com as cidades, com a escravidão, a miséria, a política etc...
16. De volta aos trabalhos históricos. A relação, aqui, se dá por conta do trato com fontes de naturezas diversas.
17. As fontes precisam ser analisadas dentro de suas especificidades e limites, para garantir a cientificidade do trabalho.
18. É um trabalho gigantesco. Na mesma linha da dissertação, expõe um panorama riquíssimo da prática da capoeira na cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX, não teme as contradições do processo histórico e estabelece muitas relações com a segunda metade do século (tema abordado na já analisada dissertação).
19. “Entre as mais importantes manifestações da cultura escrava no meio urbano, particularmente na cidade do Rio de Janeiro, durante o século XIX, se destaca a capoeira. Misto de folguedo lúdico e de arma de defesa, a capoeira entrou na história pela primeira vez através dos ofícios da polícia, instituição fundada nos idos da chegada da corte real portuguesa em terras brasileiras. A capoeira era uma mescla de golpes marciais e da habilidade no manejo de facas, e nos primórdios do século passado estava identificada com a população negra da cidade -principalmente escravos, mas também negros libertos e livres. Com o tempo, os grupos ou *malts* formados em torno dos chafarizes -onde boa parte dos escravos iam todos os dias para trazer água para as residências de seus senhores -passaram a dominar partes da cidade, e digladiar com outros, em ferozes batalhas noturnas que assustavam os moradores brancos da corte. A repressão policial desencadeada sobre os capoeiras foi brutal, com castigos de chibata nos pelourinhos da cidade, mas eles não pararam de se movimentar no meio urbano, se socializando com outros grupos, numa escalada surpreendente até o final do período escolhido.”

Trabalho 15

1. Movimentos da cultura afro-brasileira: a formação da capoeira contemporânea (1890-1950).
2. Antônio Liberac Cardoso Simões Pires.
3. Prof. Dr. Sidney Chalhoub.
4. Tese de doutorado.
5. História.
6. 2001.
7. “A formação histórica da capoeira contemporânea, partindo do pressuposto de que a atual tradição da capoeira foi uma invenção que ocorreu no período 1890-1950” (resumo).
8. “Este trabalho busca demonstrar que a capoeira contemporânea (angola e regional) é uma tradição inventada nas primeiras décadas do século passado em contexto específico de construção de identidade nacional” (p. 4).
9. Como se fez presente no Rio de Janeiro e em Salvador a capoeira no século XIX?
Como, do ponto de vista do capoeira, se deu a repressão policial no Rio?
Como a capoeira se reabilita esportivamente no Rio?
Como se deu a repressão em Salvador? Quais as suas relações com a repressão no Rio de Janeiro?
O que escreveram os intelectuais da primeira metade do século XIX sobre capoeira?
Quais eram suas afinações políticas?
Como as organizações negras da primeira metade do século XX se apropriaram da capoeira e da “cultura popular” ?
10. Consulta bibliográfica, arquivos policiais, depoimentos, biografias e literatura.
11. Luiz Sergio Dias.
Eduard Thompsom.
Plácido de Abreu.
Eric Hobsbawm.

Aluízio Azevedo.

Lima Barreto.

Jorge Amado.

Aníbal Burlamaqui.

Inezil Penna Marinho.

Daniel Coutinho.

Ângelo Decânio.

Carlos Eugênio Líbano Soares.

Raimundo César Alves Itapoan.

Jair Moura.

Vicente Ferreira Pastinha.

Luiz Renato Vieira.

12. Trabalho histórico.

13. Embora seja da capoeira contemporânea, para este trabalho, esta informação é irrelevante.

14. De que a capoeira é uma tradição inventada a partir da capoeira de Salvador entre os anos de 1890 e 1950.

15. Como uma manifestação que soube utilizar-se de situações políticas para se transformar. O autor afirma que os capoeiras demonstraram habilidade política no processo de apropriação da capoeira, que isto não se deu de forma unilateral.

16. Novamente, ocorre o trato cuidadoso com fontes de diversas ordens, sem hierarquizá-las.

17. O cuidado determina a cientificidade.

18. O autor usa depoimentos e biografias, mas tem o cuidado de historicizá-los, a fim de que estes não fiquem descolados do momento histórico que os produziu, nem tampouco sejam acatados, adotados sem se levar em conta seus limites.

Também é um trabalho de muita envergadura.

19. “Este trabalho aborda a formação histórica da capoeira contemporânea, partindo do pressuposto de que a atual tradução da capoeira foi uma invenção que ocorreu no período 1890-1950.”

Trabalho 16

1. Capoeira angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda.
2. Pedro Rodolpho Jungers Abib.
3. Prof. Dr. Neusa Maria Mendes de Gusmão.
4. Tese de doutorado.
5. Educação não-formal.
6. 2004.
7. A cultura popular (capoeira angola e o samba) no campo da transmissão (oral) dos saberes.
8. Conceber um referencial teórico-metodológico que seja capaz de dar conta das especificidades e da lógica diferenciada da cultura popular, em contraposição ao conhecimento acadêmico clássico.
9. Quais são os limites do conhecimento acadêmico positivista no trato com cultura popular?
Qual é o debate, no campo das ciências sociais, que vai nesse sentido?
Que outra lógica científica dará conta desta discussão?
Como se relacionam, nesta óptica, educação formal e não-formal e ciência e saber popular?
10. Consulta bibliográfica, depoimentos, biografias, música, poesia e literatura.
11. Boaventura de Sousa Santos.
Marilena Chauí.
Renato Ortiz.
José Ramos Tinhorão.
Ecléa Bossi.
Michel Foucault.
Walter Benjamin.
Carlos Rodrigues Brandão.
Olga von Simson.
Sidney Chalhoub.
Jocimar Daolio.

Jair moura.

José Luiz Ciqueira Falcão.

Ângelo Decânio.

Muniz Sodré.

Waldeloir Rego.

Carlos Eugênio Líbano Soares.

Antônio Liberac Cardoso Simões Pires.

Letícia Vidor de Sousa Reis.

Frederico José de Abreu.

Daniel Coutinho.

12. Abordagem cultural.

13. Capoeira angola.

14. A capoeira como manifestação de um povo simples, explorado, que de certa forma resiste contra a globalização e os avanços da modernidade. Manifestação da sabedoria popular, onde outras formas de relações humanas se fazem presentes.

15. Como um caminho de educação para uma outra relação espaço e tempo, uma outra relação entre as pessoas, uma outra concepção de mundo.

16. Esta é a base do trabalho, é a isso que se propõe o autor, um referencial teórico-metodológico que seja capaz de articular estas duas formas distintas de saber, ou seja, criar uma *episteme* que seja capaz de se articular com a *doxa*, sem, com isso subjugar-la.

17. Neste trabalho, a *doxa* tem prioridade em relação a *episteme*, pois esta, até então, não foi capaz de propor formas de relação mais humanas, ou ainda outras relações entre espaço e tempo.

18. É um trabalho que apresenta muita sensibilidade, além de uma inquietação em relação à ordem positivista de ciência, que ainda determina os parâmetros de validade ou não de manifestações como a capoeira e o samba, por exemplo. É um trabalho um pouco oscilante teoricamente.

19. “Esse trabalho propõe-se a investigar as formas com as quais a cultura popular articula todo um vasto campo de conhecimentos e saberes, bem com as formas de

transmissão desses saberes através de algumas categorias, que elegemos como base para essa tarefa, quais sejam a memória, a oralidade, a ancestralidade, a ritualidade e a temporalidade, na perspectiva daquilo que denominamos aqui de uma lógica diferenciada que prevalece nesse universo, diferente daquela lógica que a racionalidade ocidental moderna determina. Trazemos também à reflexão, a partir de algumas teorias emergentes no campo das ciências sociais, a necessidade de constituição de uma nova racionalidade que seja capaz de interpretar e validar os saberes ocultos e silenciados, presentes no universo da cultura popular, como forma de ampliação das possibilidades de um diálogo frutífero entre os saberes provenientes das várias tradições, presentes tanto no âmbito da academia quanto no da cultura popular, sem hierarquias e discriminações. Para realizarmos tal tarefa, elegemos a capoeira angola, manifestação da cultura afro-brasileira das mais significativas, como campo privilegiado de estudo, na tentativa de buscar os seus sentidos e significados, esforçando-nos para constituir elementos de análise que dêem conta de interpretar sua simbologia, ritualidade e ancestralidade, como parte de elementos da cosmogonia africana, enquanto sistema religioso/simbólico que influencia consideravelmente essa manifestação. Buscamos, ainda, analisar as experiências educacionais contidas nos processos envolvendo a transmissão de saberes no universo da capoeira angola, e também como se articulam no âmbito da cultura popular, esses processos educacionais não-formais. Essas experiências envolvendo os "saberes populares" são, então, a partir de nossa análise, confrontadas com a perspectiva desenvolvida pelos processos formais de educação existentes em nossa sociedade, sobre os quais buscamos estabelecer uma crítica.”

Anexo III.
Autores, títulos e orientadores.

Trabalhos	Autor(a)	Título	Orientador(a)
1	Maria Angélica Rocha	Capoeira: uma proposta para a educação física escolar.	Prof ^ª .Dr ^ª . Heloísa Turini Bruhns
2	Izabel Cristina de Araújo Cordeiro	Bota mandinga ê... a esportivização da capoeira em questão.	Prof ^ª .Dr ^ª . Carmem Lúcia Soares
3	Andréa de Nardi Gonzalez	Uma proposta de capoeira para o ensino escolar.	Prof. Dr. José Júlio Gavião Almeida
4	Marta Lima Jardim	Projeto capoeirar: uma proposta de ensino da capoeira como parte integrante do projeto ama a vida sem drogas, em realização na rede pública de ensino de Campinas. Um relato de experiência.	Prof. Dr. José Júlio Gavião Almeida
5	Manoel da Silva Carvalho	Capoeira: uma atividade física como instrumento de integração e as estratégias criadas para facilitar a compreensão dos praticantes com deficiência auditiva.	Prof. Dr. Paulo Ferreira Araújo
6	Wilson Rogério Penteado Júnior	Capoeira e cidadania: um estudo da prática capoeirística e sua aplicação em projetos sócio-educacionais na cidade de Campinas-SP.	Prof ^ª .Dr ^ª . Emília Pietrafisa de Godoi
7	Maria Angélica Borges Salvadori	Capoeiras e malandros: pedaços de uma sonora tradição (1890-1950).	Prof ^ª . Dr ^ª . Maria Clementina Pereira Cunha
8	Carlos Eugênio Líbano Soares	“A negregada instituição”: os capoeiras no Rio de Janeiro (1850-1890).	Prof. Dr. Sidney Chalhoub
9	Antônio Liberac Cardoso Simões Pires	A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937).	Prof. Dr. Sidney Chalhoub
10	Adriana de Carvalho Barão	A performance ritual da “roda de capoeira”.	Prof. Dr. Eusébio Lobo da Silva
11	Lara Rodrigues Machado	Capoeira e dança na educação de adolescentes.	Prof ^ª .Dr ^ª . Inaicyr Falcão dos Santos

Trabalhos	Autor(a)	Título	Orientador(a)
12	Paula Cristina da Costa Silva	Educação física na roda de capoeira... entre a tradição e a globalização.	Prof. Dr. Lino Castellani Filho
13	Renata de Lima Silva	Mandinga da rua: a construção do corpo cênico a partir de elementos da cultura popular urbana.	Prof. Dr. Eusébio Lobo da Silva
14	Carlos Eugênio Líbano Soares	Capoeira escrava no Rio de Janeiro (1808-1850).	Prof. Dr. Sidney Chalhoub
15	Antônio Liberac Cardoso Simões Pires	Movimentos da cultura afro-brasileira: a formação histórica da capoeira contemporânea (1890-1950).	Prof. Dr. Sidney Chalhoub
16	Pedro Rodolpho Jungers Abib	Capoeira angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda.	Prof ^a .Dr ^a . Neusa Maria Mendes de Gusmão

ANEXO IV

**Gráfico do nível
dos trabalhos.**

